

Ano XXVIII - Nº 64 - agosto/2002

Editada pela APM do Colégio São Vicente de Paulo

a chama

Olhar sobre o
São Vicente





O OLHAR ATRAVÉS DA CÂMERA



PROFESSORES EM EDUCAÇÃO PERMANENTE



NOVOS PROFESSORES: MUITO PRAZER!



NO MUNDO DO TRABALHO E DA COMUNICAÇÃO



ESPIRITUALIDADE NO TRABALHO SOCIAL



SÃO VICENTE COM SAUDADES DOS ANTIGOS ALUNOS



ACONTECEU NO SÃO VIÇA EM 2002



UM GRITO CONTRA O MOSQUITO



EXPEDIENTE

a chama

Revista editada pela APM

Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXVIII – Nº 64
agosto/2002

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (021) 556 0796

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e diretoria da APM
Coordenação Editorial: Marco Vinícius Bittencurt e João Afonso de M. Teixeira
Reportagens, redação, edição e revisão: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Concepção gráfica e ilustrações e edição eletrônica: Iuri Lioi
Colaboração: Gilberto de Carvalho e Antônio Moraes (Serviço Audiovisual / CSVP - fotos)
Capa: Foto de Pe. Lauro Palú

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente: Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune
Casal Vice-Presidente: Marco Vinícius e Rosária Bittencurt
Casal Relações Públicas: João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira
Casal Tesoureiro: Duarte M. Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente
Casal Secretário: Roger Toshio Enokibara e Marta Pinheiro Enokibara
Casal Representante dos Professores: Roseli e Sidnei Vasconcellos

Caros pais e amigos,

As coincidências retratam o que existe para além do simples acaso.

Evidencia-se, no grupo que hoje está à frente da Associação de Pais e Mestres (APM), o compromisso claro de atuar, do modo mais intenso possível, junto ao corpo docente e discente do Colégio São Vicente de Paulo. E, felizmente, abertura encontramos. Mais do que isso, este também tem sido o desejo do Colégio como um todo.

A cada evento, buscamos um modo de nos integrar. Seja nas festas, nos projetos pedagógicos ou assistenciais. O fato é que estamos ali, solidificando esta parceria.

Porém, isto só é possível porque estamos afinados com a visão de mundo da Escola e ajustamos nossos olhares, através das diferentes óticas, na busca incessante de uma visão multilateral sobre todas as questões que nos chegam.

Felizmente as coincidências existem, mas não são fruto exclusivo do acaso. Surgem da comunhão de interesses, na busca da construção de um mundo melhor, mais humano, mais cheio de afeto e possibilidade de troca.

É extremamente acolhedor, quando buscamos no olhar e nos encontramos no coração.

Este é o nosso convite: vejam e leiam a **chama**, com o olhar de quem quer se encontrar no coração.

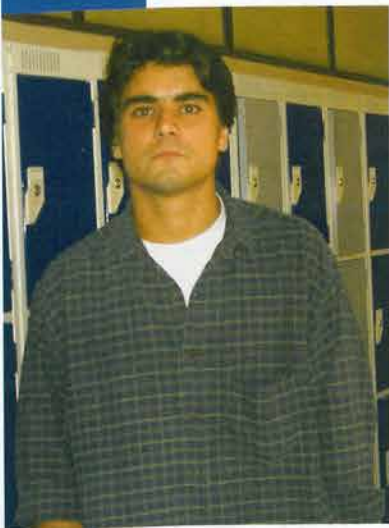
*Denise Braune
presidente da APM*

SUMÁRIO

CAPA	
Olhos para que te quero _____	16
ESPECIAL	
Educar para a transformação social num mundo em transformação _____	6
ENTREVISTA: Patrick Pessoa	
Ensinando o jovem a ser livre _____	2
AÇÕES SOCIAIS	
Encontros de espiritualidade _____	4
EJA - SUPLETIVO	
No mundo dos alunos professores _____	5
PERFIL: Rafel Dória, Airton da Rocha Filho, Márcia Pereira e Isaura Maria de Castro	
Cumprimentando a família vicentina _____	10
ESPAÇO APM	
Uma APM participativa _____	12
Ensinando a pescar _____	12
ENSINO FUNDAMENTAL	
Xô dengue! _____	13
Ao vivo e à cores _____	13
COMO SE FAZ	
Sinal fechado, paciência e pressa _____	14
FÓRUM	
As diversas faces da cidadania _____	20
AÇÃO PEDAGÓGICA	
Abaixo a Torre de Babel! _____	22
A vida é um projeto de faça você mesmo _____	23
Uma ação transformadora _____	24
ETC...	
Eleição é coisa séria _____	25
Notas _____	26
EX-ALUNOS	
São Vicente quer reunir a família _____	30
FORMANDOS _____	31
CARTAS _____	32

ENSINANDO O

Patrick Pessoa faz os alunos exercitarem



Como um professor de filosofia que não nega a formação, Patrick Pessoa quer ensinar a liberdade. Mas para isso ele criou um método diferente, que une cinema e filosofia, e vem encantando os alunos do São Vicente. Com graduação, mestrado e doutorado em andamento em filosofia, tudo na UFRJ, o jovem professor Patrick — de apenas 27 anos — montou aquele que, nas suas palavras, era o curso que ele gostaria de ter feito na escola. Daí surgiu “A filosofia e o cinema”, um curso extra-classe oferecido aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, que tem como produto final, além de jovens mais críticos, um curta-metragem totalmente idealizado e produzido pela turma. O interesse por essa aventura pedagógica tem sido grande. O grau de satisfação também. Nesta entrevista, ele dá uma aula quase particular.

A chama: *Depois de muito tempo fora da maioria dos currículos, a filosofia voltou a ser disciplina obrigatória no Ensino Médio. O que a educação e a sociedade ganham com isso?*

Patrick: Um dos fatores históricos que propiciaram o surgimento da filosofia na Grécia, no século VI a.c., foi o florescimento da democracia ateniense. Desde a sua origem, portanto, o exercício do pensamento filosófico está intrinsecamente relacionado ao exercício responsável da liberdade do homem, condição indispensável para a

organização de uma sociedade efetivamente democrática. O problema é que, como os primeiros filósofos já haviam notado, a liberdade não é uma propriedade que nos seja inata. Ao contrário, a liberdade é algo que precisamos conquistar sempre e de novo, e o seu exercício requer um esforço ininterrupto. Sob a perspectiva da filosofia, a principal função da educação é justamente essa: ensinar o homem a ser livre. Como nos atesta a célebre *Alegoria da caverna*, de Platão, entretanto, isso só é possível se, antes de mais nada, o homem for levado a perceber que, de início, ele não é tão livre quanto pensa ser, mas sim condicionado em suas ações e opiniões por uma série de pressupostos que, por lhe haverem sido inculcados desde o seu nascimento, ele sequer chega a perceber, transformando-se, assim, no mais confortável tipo de escravo para os interesses de seus senhores: aquele que se julga livre. Os seus senhores são, genericamente falando, todos os outros com os quais convive e, sobretudo, os detentores dos meios de comunicação de massa. Assim, parece-me que a reintrodução da filosofia no Ensino Médio, disciplina cuja tarefa primordial é conduzir o aluno a perceber o estado de alienação em que cotidianamente vive e levá-lo a analisar e questionar os seus próprios pressupostos, as suas certezas mais arraigadas, justamente porque em geral essas certezas não são autenticamente suas, pode contribuir decisivamente para a formação de homens livres que, uma vez tendo aprendido a exercitar sua liberdade criticamente, possam contribuir para criar as condições políticas necessárias à formação de mais homens livres e, conseqüentemente, à construção de uma sociedade mais democrática.

A chama: *Como os alunos, adolescentes, recebem o encontro com a filosofia?*

Patrick: Atendo-me ao universo de alunos do CSVP, eu diria que eles recebem muito bem o encontro com a filosofia. E isso por dois motivos: em primeiro lugar, porque a atitude questionadora da filosofia tem algumas semelhanças marcantes com a

atitude freqüentemente questionadora dos próprios adolescentes, de modo que a identificação é imediata e o meu trabalho acaba sendo mais o de orientar esse ímpeto questionador próprio à idade dos alunos, de modo a lhe conferir um rigor e uma direção mais bem definidos. Em segundo lugar, porque, livre das amarras que o programa do vestibular impõe às disciplinas tradicionais, eu posso me dar ao luxo, que espero um dia seja estendido aos professores de todas as matérias pelo próprio sistema educacional brasileiro, de abordar com eles sobretudo as questões filosóficas que mais me empolgam, e assim, em minhas aulas, tento colocar em prática algo como uma “pedagogia da contaminação”.

A chama: *Na descrição dos objetivos do curso “A filosofia e o cinema”, você fala no “modo de pensar que caracteriza a filosofia”. Que modo é esse?*

Patrick: Definir positivamente o modo de pensar que caracteriza a filosofia é tarefa assaz difícil, já que cada um dos filósofos que marcaram a história da filosofia a compreenderam de modo distinto. É possível, entretanto, arriscar uma descrição aproximada desse modo de pensar, que permanecerá sempre muito pessoal, delimitando o que é a filosofia a partir do que ela não é. A filosofia não se confunde com as filosofias de vida propostas pelo senso-comum porque não se contenta com quaisquer certezas prévias, não visa à criação de um sentimento de segurança, dependendo fundamentalmente do exercício da dúvida, isto é, da insegurança. A filosofia não se confunde com a religião porque as verdades por ela buscadas dependem exclusivamente do exercício da razão, não havendo, portanto, espaço para verdades reveladas pela fé. A filosofia não se confunde com a ciência porque não busca um acúmulo de conhecimentos, não reconhece a noção de progresso, e não se preocupa com a utilidade imediata que possa vir a ter. Nesse sentido, se aproxima da arte, mas também não deve ser confundida com a arte, já que precisa obedecer às leis da lógica, fundamentar com argumentos

JOVEM A SER LIVRE

em a capacidade de crítica num curso que une filosofia e cinema

rigorosos as suas teses, e, tanto quanto possível, contentar-se com analisar e questionar determinados pontos de vista em vez de sintetizá-los simbolicamente. Mas então, o que é a filosofia? A filosofia é uma disciplina para a qual sempre permanecerá problemático tentar uma definição cabal de si mesma, de modo que continuamente precisa repensar-se, redefinir-se.

A chama: *Onde está o ponto de interseção entre a filosofia e o cinema?*

Patrick: No homem, nas questões fundamentais que sempre o acompanharam e que foram trabalhadas tanto pelos filósofos quanto pelos verdadeiros cineastas. “Nada do que é humano me é estranho”, célebre frase de Pascal, e que foi repetida por cineastas tão distintos e importantes quanto Rossellini e Truffaut, é o mote desse curso.

“Sob a perspectiva da filosofia, a principal função da educação é justamente essa: ensinar o homem a ser livre”

A chama: *No curso, o cinema é um tema que caminha junto com a filosofia ou um instrumento para ensinar/entender a filosofia?*

Patrick: Trata-se fundamentalmente de um curso de filosofia. Entretanto, como durante oito meses os participantes do curso se reúnem todas as sextas-feiras para assistir e discutir alguns dos filmes mais importantes da história do cinema, a vontade de entender melhor como se faz cinema acabou surgindo naturalmente. Assim, no ano mesmo em que criei esse curso, 2001, por sugestão dos alunos, no final do ano, resolvi fazer com eles um curta-metragem que, de alguma forma, refletisse o que havíamos discutido ao longo de todas aquelas sextas-

feiras. O resultado, escrito, produzido e filmado pelos alunos, dirigido por mim e financiado pela APM, foi o curta-metragem *Novela Vaga*, de 10 minutos, uma homenagem a alguns dos filmes da “Nouvelle Vague” a que assistimos e discutimos durante o curso. Agora estamos agendando uma estréia do nosso filme para a comunidade vicentina. Aguardem o convite para a estréia!

A chama: *Existe uma metodologia de análise dos filmes?*

Patrick: Sim. A cada mês, são passados quatro filmes que tratam de um mesmo tema filosófico. Por exemplo, se o tema é o existencialismo, nós assistimos na íntegra aos filmes “Trinta anos essa noite” (Louis Malle), “A doce vida” (Federico Fellini), “Hiroshima, mon amour” (Alan Resnais) e “Memórias póstumas de Brás Cubas” (Julio Bressane). Para orientar os debates, eu passo para os alunos alguns textos de filósofos existencialistas ou ligados ao movimento, como Camus e Nietzsche, e assim, baseados nos textos e nas questões propostas pelos próprios filmes, nós discutimos o que é o existencialismo. Quando muda o tema, o processo se repete, e, no final das contas, o objetivo é que, além de terem aprendido a gostar de analisar de forma mais rigorosa os filmes que vêem, os alunos tenham uma idéia mais clara dos temas filosóficos abordados, como tragédia, psicanálise, amor, morte, sociedade, criação artística, etc.

A chama: *Qual tem sido o resultado desse cruzamento da filosofia com o cinema?*

Patrick: Eu acho que o resultado tem sido muito satisfatório, já que, com o apoio das imagens e do drama pessoal das personagens, que muitas vezes personificam quase didaticamente conceitos filosóficos complexos — e aqui me vem à cabeça Montgomery Clift em “Freud além da alma” (John Huston) —, a filosofia se torna mais viva, e a sua assimilação mais prazerosa. Prova disso é que frequentemente os nossos debates se estendem até muito depois da hora prevista para o término da aula. Esse interesse genuíno dos alunos é, sem dúvida, minha maior recompensa.

A chama: *Como é produzido o curta-metragem no final de cada curso?*

Patrick: A pré-produção do filme desse ano já começou. O primeiro passo é o argumento, a idéia do filme, que deixo inteiramente a cargo da liberdade dos alunos. Em seguida, eu explico a eles quais são os passos necessários à elaboração de um roteiro cinematográfico, e eles ficam encarragados de escrevê-lo. Uma vez que o roteiro está pronto, nós fazemos alguns testes com os atores interessados, que, em princípio, devem ter alguma ligação com o CSVP, escolhemos as locações, fazemos os ensaios e, com o apoio financeiro da APM, alugamos o equipamento necessário. Depois dessa fase de pré-produção, marcamos uma data para as filmagens, dividimos as tarefas de cada um no *set*, e colocamos a mão na massa. Por último, eu e os alunos encarregados disso fazemos uma pré-edição do material em VHS e, quando já está tudo pensado, alugamos uma ilha de edição para finalizar o filme. No total, esse processo dura no mínimo uns seis meses. Mas ver o resultado de todo esse trabalho sempre vale a pena. Nada melhor, depois de ver tantos filmes de outros, do que poder assistir ao nosso próprio filme. Um estímulo e tanto para continuar o curso de cinema e o trabalho de professor.

A chama: *O que de mais importante os alunos do curso aprendem? O que fez desse curso extra-classe um sucesso entre a garotada?*

Patrick: Eu elaborei esse curso orientado por uma questão singela: se eu ainda estivesse na escola, que curso eu realmente gostaria de fazer? Minha resposta: um curso no qual eu pudesse ver um clássico da história do cinema por semana, e ainda por cima tivesse a oportunidade de discutir livremente as minhas impressões sobre cada filme. É esse curso que agora, toda as sextas-feiras, eu tento (re)inventar. Na minha opinião, o mais importante nesse curso é que os alunos aprendam a aprender. Para isso, a condição fundamental é que eles aprendam a gostar, e mesmo a depender, do sabor do saber. Se alguns deles saírem do meu curso dependentes disso, de filosofia ou de cinema, eu já poderei me considerar realizado. ■

Encontros de Espiritualidade

Quando recebi o convite da Revista a chama para comentar os três “Encontros de Espiritualidade”, realizados pelos participantes do “Projeto Social do Colégio São Vicente de Paulo em Cocos/Bahia”, fiquei muito feliz. Entretanto, ao me deparar com a complexidade do assunto, fiquei muito tempo pensando em como realizar a abordagem. Como tentar explicar algo que se sente? Como representar nas linhas de um texto um sentimento que surge de um modo maior do que nossa capacidade de explicitá-lo racionalmente? Optei, como ponto de partida, por integrar razão e emoção, tentando não priorizar nenhuma das duas vertentes. Mas, sinceramente, não sei se consegui. É importante sinalizar a ótica particular com que estarei refletindo sobre o assunto.

Cada encontro é alimentado pela mística da cooperação mútua, que nos fortalece e nos faz crescer espiritualmente. São verdadeiros exercícios de partilha e de troca de experiências, nos quais vivenciamos o *possuir com os outros* através da comunhão de idéias e sentimentos. Procuramos dar valor às coisas, não pelo que valem, mas pelo que elas *significam* para todos nós. Por essas vivências e por irmos a Cocos, nos encantamos com algo que supera salários, promoções, destaques, contratemplos, e nos revigora também, profissional e emocionalmente.

A cada ida, como num jardim onde se espalham as sementes e estas florescem, o número de participantes deste projeto também aumenta. Que “paixão” é esta que faz com que os que foram antes contagem outros que possam e passam a

participar? Que chamado é esse que ecoa e nos prende a uma nova prática de educação?

“Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”. (Mt 6,21).

Acredito que as coincidências não existem, pois já se encontram em nosso percurso de vida. Basta permitir que elas se mostrem. (Deu para entender?) Pensando em tudo que escrevi, resolvi procurar alguma música que pudesse, de algum modo, retratar todo esse sentimento que emerge de todos nós. Então encontrei (coincidência?) este trecho de Zé Dantas e Luiz Gonzaga, em A Volta da Asa Branca, que diz: *“A seca fez eu deserdar da minha terra / Mas felizmente Deus agora se lembrou / De mandar chuva presse sertão sofredor / Sertão das muiê séria, dos home trabaiaidô”*. Somos todos “desertores” de nossos viveres que se encontram nos viveres alheios. Cocos nos mostra suas mulheres sérias e seus homens trabalhadores, o grupo do São Vicente de Paulo também é composto por “muéris sérias e homis trabaiaidores”. Não importa o rumo, a direção, o ângulo ou o vetor. Algo mais forte nos fez encontrar em cada ida, em cada retorno, em cada troca de olhar, em cada planejamento, em cada esperança. E a ponte de ligação só pode ser Deus que, como chuva fina, em presença de espírito e verdade, irriga nossos viveres, os nossos sertões – os de lá e os de cá. ■

Lauro Basile
professor de música e teatro infantil

A DINÂMICA DOS ENCONTROS

1º Encontro de Espiritualidade (09/09/2001)

Das 9h às 18h. Local: Seminário de Petrópolis.

Temas abordados: Espiritualidade, A Mística que nos move

Atividades desenvolvidas: Motivação inicial, Trocas de experiências pessoal e grupal, Cantos diversos, Leitura bíblica e Vivência de Integração.

2º Encontro de Espiritualidade (07/01/2002)

Das 14h às 19h. Local: Colégio São Vicente de Paulo.

Atividades desenvolvidas: Acolhida, leitura de textos diversos (Betinho – “Lembranças de um semeador de utopias”), relato das atividades a serem desenvolvidas em Cocos (de 17 a 27 de janeiro de 2002), preparação da mesa do Lanche da Partilha, celebração, Lanche da Partilha e cantos diversos.

3º Encontro de Espiritualidade (18/05/2002)

Das 15h às 22h. Local: Colégio São Vicente de Paulo.

Atividades desenvolvidas: Acolhida, leitura, trabalho em grupo e debates a partir de diferentes textos (“Entre a ciência e a sapiência”, “Sobre redes de conhecimentos e currículos em redes”, entre outros), cantos diversos, leitura bíblica e Momento de Descontração.

4º Encontro de Espiritualidade (26/06/2002)

Das 18h às 22h. Local: Colégio São Vicente de Paulo.

Atividades desenvolvidas: Acolhida, informes práticos e acertos finais sobre a próxima ida do grupo (Cocos, Carrinhanha e Bom Jesus da Lapa - Romaria da Terra), apresentação de “Planos dos Trabalhos” a serem desenvolvidos, vivências com os participantes (dinâmicas, textos, práticas lúdicas), cantos diversos, Momento de Espiritualidade e confraternização.

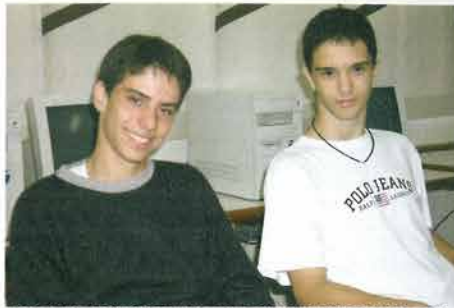


No mundo dos ALUNOS PROFESSORES

Jonas de Carvalho e Bernardo Barcellos ainda estão no 2º ano do Ensino Médio, mas foram ótimos professores de Inglês para os alunos da 8ª série da Educação de Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo. É que desde 2001, os alunos da EJA do São Vicente vêm ganhando uma forcinha de outros estudantes.

Trata-se de um programa de monitoria, que convida alunos do ensino regular para darem aula de reforço na disciplina de sua preferência. Este ano, o projeto ganhou fôlego e fez com que, só no primeiro semestre, quase 20 estudantes virassem professores e muitos alunos da EJA superassem dificuldades.

Ganha quem ensina: “A experiência de ver os outros aprendendo com você é incrível”, diz Jonas, entusiasmado. E ganha quem aprende: “Aprendi muito. Agora presto atenção nos filmes e já consigo até entender algumas palavras, como ‘obrigado’, por exemplo”, conta Willame Teixeira, que está se despedindo do São Vicente porque acaba de concluir a 8ª série. Ele participou também da monitoria em Matemática e Português e só tem elogios ao projeto: “Eles terem vindo ensinar a gente mostra como o São Vicente muda e melhora a cada dia. Aqui, a gente aprende a ver um mundo mais amplo”. Interessante... Parece até a frase do “professor” Bernardo: “O São Vicente ensina a gente a aprender”. ■



JONAS E BERNARDO: PROFESSORES DE INGLÊS



GRUPO DE ALUNO PROFESSORES

Do trabalho à cidadania: atingindo resultados

“O mundo do trabalho” foi o tema principal do primeiro semestre letivo na Educação de Jovens e Adultos. Para aprofundar o assunto, as turmas assistiram a uma palestra sobre a situação atual da mulher brasileira trabalhadora.

Outra atividade que merece destaque é a exibição do filme “Tainá”, que conta a vida de uma indiazinha brasileira. Para tornar o evento mais produtivo, os alunos receberam a visita de um legítimo índio da Amazônia, que chegou ao São Vicente caracterizado: vestindo sunga e com o corpo pintado.

De olho nas eleições, o trabalho do segundo semestre vai se concentrar mais no tema “cidadania”.

A fórmula parece estar dando certo. O coordenador da EJA, prof. José Fernandes, comemora um considerável aumento do interesse dos alunos. Na prática, ele observa, por exemplo, que quase não se encontram mais alunos no corredor durante as aulas. “Eles estão cada vez mais sensibilizados pela idéia de que têm que lutar por uma melhor qualidade de vida e que, para isso, o estudo é fundamental”, diz. ■

Arraiá dos Adultos

Não dava nem para reconhecer o pátio do São Vicente. No dia 7 de junho, os alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos organizaram a tradicional festa junina. Foi um verdadeiro “arraiaí”, com direito a bandeirinhas, comidas típicas, brincadeiras, uma quadrilha muito bem ensaiada e até forró. A animação tomou conta do São Vicente e teve adulto virando criança... ■



Educar para a trans num mundo em t

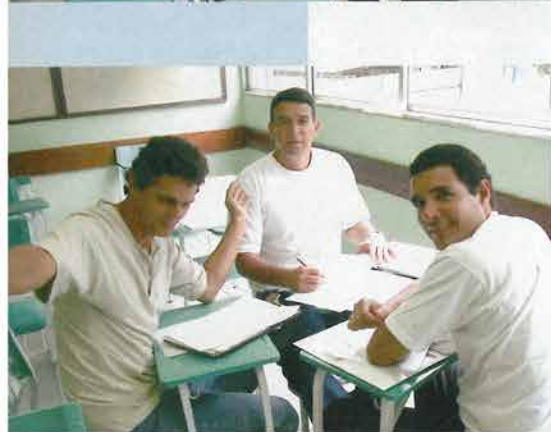
Foi-se o tempo em que bastavam um pouco de vivência e uma boa formação, que culminava com o curso universitário, para se estar preparado para a vida profissional. Se é que esse tempo realmente existiu... No mundo de hoje, a expressão “educação continuada” passou a fazer parte da rotina de cada um de nós.

Se isso vale para qualquer área, imagine para o profissional da educação. Cada vez mais, a escola tem que ampliar o seu foco principal, que tradicionalmente é o aluno, para trabalhar também com o professor. Um dos grandes desafios do professor hoje é entender essas mudanças e se manter apto a formar cidadãos preparados para um mundo veloz, com outros valores, e profissionais capazes de enfrentar um mercado de trabalho competitivo, seletivo e enxuto. O caminho para alcançar essa

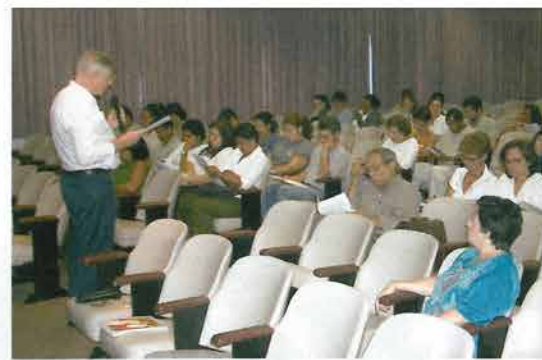
meta passa por um esforço individual e coletivo. E o São Vicente sabe disso. “Estamos conhecendo uma nova epistemologia e somos conscientes de que temos que oferecer uma nova Escola a nossos alunos: que lhes ensine a enfrentar a incerteza, as contradições, o domínio dos meios de aquisição do conhecimento, que muda velozmente”, explica Nina Maria da Cunha, coordenadora acadêmica do Colégio, que completa: “Nosso Projeto de Desenvolvimento Profissional quer preparar os professores para atualizar seu currículo e seus programas conforme os novos paradigmas científicos e tecnológicos exigidos pela sociedade atual, visando impulsionar as transformações sociais”.

“Esquentando os motores”

Como fazer isso? Mesmo antes de as aulas começarem, o São Vicente se encontra para preparar o ano letivo que vem pela frente. É a já histórica Semana Pedagógica, que reúne professores e coordenadores para diversas atividades. “É para esquentar os motores”, define Nina. A abertura fica por conta do diretor, Pe. Lauro Palú, que, este ano, falou sobre a Campanha da Fraternidade, com o título “Por uma terra sem males”, que tem como tema os povos indígenas. Nos dois primeiros dias, houve encontros de equipes, exibição do filme *Traffic*, seguida de discussão, e um centro de estudos sobre planejamento de curso; nos dois últimos, aconteceram oficinas, todas orientadas por professores do Colégio. Dois exemplos são as oficinas “Criando sua home page”, em que a equipe de informática ensinou aos interessados os primeiros passos para se criar uma página na internet, e “Disciplina escolar”, em que se compartilhou parte do conteúdo



formação social transformação



do Congresso Nacional da Associação de Escolas Católicas (AEC), no qual o São Vicente teve uma presença significativa. Esta oficina reiterou a linha não-coercitiva que o Colégio já tem como princípio, seguindo o projeto de uma educação libertadora. A idéia de disciplina que se tenta implementar é, cada vez mais, criar normas junto com os alunos e chamá-los à responsabilidade. Apesar de esta já ser a filosofia do São Vicente, o Colégio reconhece que muitos professores têm dificuldade em lidar com isso — daí a importância do debate. “Eu e Fernando assistimos a uma mesa temática sobre a disciplina na escola e nos interessamos em desenvolver esse tema para o São Vicente, porque sabemos que este é um assunto recorrente entre os professores”, explica Hécio Alvim, que conduziu a oficina junto com Fernando Luiz Castro.

Traçando os caminhos

Mas para essa formação continuada, o São Vicente tem seguido vários caminhos. Um deles é incentivar e financiar metade de todas as despesas da participação de professores em congressos. A experiência de sempre organizar encontros do corpo docente faz com que o participante de eventos externos possa compartilhar o conteúdo com os colegas. “Uma de nossas linhas de ação é, certamente, aproveitar e estimular o conhecimento e as especificações dos professores que compõem a nossa equipe e que sempre respondem aos nossos apelos com a maior alegria e competência”, diz Nina.

Um professor em formação permanente

Entrevista: Hécio Alvim

Hécio Alvim é coordenador comunitário do São Vicente e tem aproveitado todos os caminhos abertos para uma formação permanente. Só entre 2001 e 2002, ele esteve presente em dois dos principais congressos de interesse do Colégio: o da AEC, em julho do ano passado, e o dos Educadores Vicentinos, em maio deste ano, ambos em Curitiba. Na Semana Pedagógica, ele montou uma oficina para discutir a questão da disciplina, tendo como base o conteúdo do Congresso da AEC.

Como você vê esse trabalho do São Vicente na formação dos seus professores?

Eu acho que o Colégio investe bastante. Em primeiro lugar, isso nos difere dos outros. Em segundo, aqui se acredita que se o professorado é melhor formado, o aluno sai ganhando. Em terceiro, esse trabalho faz parte do carisma da Instituição: a formação de cleros e leigos está na origem da Congregação da Missão, do carisma vicentino.

Você destaca algumas iniciativas representativas desse investimento?

O fato de a Semana Pedagógica ter sido muito estruturada em cima do conteúdo do Congresso da AEC é muito interessante. As reuniões de segunda-feira são outro exemplo. Mas um investimento muito forte que aparece pouco é a biblioteca do São Vicente, que tem comprado muito material que não é voltado diretamente para os alunos, mas sim para os professores, como revistas pedagógicas.

Como foram os encontros de segunda-feira?

A Nina conduziu boa parte dessas reuniões. Ela funcionou um pouco como catalisadora do que as pessoas pediam: pegava no público aquilo que era de interesse, pesquisava textos e sugeria temas para discussão.

Um dos maiores ganhos foi, antes de mais nada, estarmos juntos, aprendendo. O que se viu de muito interessante foi uma partilha de saberes. Um dos melhores encontros foi sobre o tema da Campanha da Fraternidade, em que vários professores falaram da questão indígena sob a perspectiva da sua disciplina. Eu acho que esse tipo de trabalho ajuda a conhecer um “espírito de corpo” positivo, não no sentido de corporativismo, mas de criação de laços.

Como os professores recebem essa realidade de estar sempre aprendendo, em formação?

Temos um professorado bastante interessante. Pelo menos no nível do discurso, há uma consciência de que não podemos parar. Trata-se de um grupo de professores incomumente culto e empolgado com essa situação. Por outro lado, é um público muito exigente. Não adianta dar mingau, é melhor oferecer feijoada. Se eles vão a um congresso, por exemplo, e só ouvem lugar comum, não recebem nada de novo, reclamam. Mas que eles querem aprender, ah, isso querem.



Internamente, o Colégio promove palestras e diversos outros meios de discussão e aprendizado entre os professores, como grupos de estudo e mesas redondas. As feiras e exposições são outra oportunidade para mostras de trabalhos. Para ampliar esse espaço de debate, desde o ano passado — mas com fôlego ampliado este ano —, têm acontecido encontros regulares nas noites de segunda-feira. Os professores são divididos por série ou por disciplina, conforme o objetivo da reunião. Ou não. Às vezes, discutem temas específicos; em outras, apresentam problemas do cotidiano da educação e propõem soluções; acima de tudo, trocam experiências. Uma das preocupações que norteou essas reuniões foi a questão da avaliação: a necessidade de criar um sistema de recuperação cada vez mais integrado ao trabalho cotidiano, com o objetivo de auto-regular o próprio processo de ensino-aprendizagem.

Tudo isso sem contar a infraestrutura permanente que o Colégio mantém: equipe de suporte pedagógico e tecnológico, serviço de orientação educacional, de informática e mecanografia, biblioteca. “Todo nosso esforço tem sido em oferecer aos professores oportunidades de estudar essa nova realidade, preparar-se para atuar nela de modo construtivo, com Fé e Esperança de um mundo melhor”, diz Nina.

Outra linha de ação tem sido no sentido de fazer com que pais e alunos possam participar desse aperfeiçoamento. A participação dos alunos nos Conselhos de Classe, por exemplo, vem sendo encarada como um momento de formação em



serviço, quando a Escola e o professor podem avaliar e replanejar todo um processo pedagógico. “É a fala dos alunos, do diretor, do orientador, do coordenador, dos colegas de trabalho, dos inspetores, de todos envolvidos nesse desejo de crescimento que nos ajudam nessa formação”, diz Nina. As reuniões de pais também estão sendo aperfeiçoadas para facilitar a interação. Este ano, os professores fizeram uma apresentação geral de temas comuns e depois os pais puderam consultá-los separadamente, em grupos menores. Um atendimento quase personalizado. A professora Isaura Maria de Castro, de Geografia, que entrou no São Vicente este ano, conta que, dentre os pais que atendeu, encontrou uma mãe de aluno que também era professora de Geografia, elas conversaram muito e trocaram experiências. Do lado dos pais, esse modelo também funcionou: “Fui a todos os encontros, durante a semana inteira. Eu queria sentir o clima do São Vicente diante do mundo de hoje e ver a postura dos professores em relação às questões impostas pela adolescência”, conta Maria José Sarmo, mãe do adolescente Pedro Sarmo Bomfim, do 2ºB, seu segundo filho que estuda no São Vicente. Qual foi o resultado? “Achei a maioria dos professores muito atentos às mudanças do mundo e ao processo de amadurecimento dos alunos. Eles conseguem trabalhar o afeto e a subjetividade, que são, na minha opinião, os lugares onde a gente busca forças para sustentar o cotidiano”. E resume: “Mais uma vez, minha confiança foi renovada, entendi que existe uma proposta comum entre Família e Escola”. ■

Criando processos de formação

Estamos vivendo um momento em que a própria ciência está rompendo com a visão puramente racionalista e analítica do mundo e do homem, para uma visão mais científica, integrada, holística. Temos uma nova organização do tempo e do espaço.

Por outro lado, nossos alunos já nascem mergulhados neste mundo novo e falam uma linguagem própria deste mundo, que não é a nossa e que, infelizmente, eles usam mas não dominam de forma crítica. Vem daí a necessidade de avaliarmos nossos conteúdos e metodologias e nos embasarmos para uma mudança estrutural. Outras questões estão mais ligadas aos valores e à ética que devem orientar hoje a formação do cidadão para viver em simplicidade voluntária, na construção da paz, num repúdio à violência, ao preconceito, ao consumismo desenfreado, às injustiças.

Para atingir esses objetivos, muitos são os meios de que nos utilizamos. Por exemplo, temos analisado a leitura como atividade transdisciplinar, habilidade intelectual que deve ser desenvolvida por todas as disciplinas. E, mais, lembrando que a leitura não se refere apenas ao texto verbal, mas a uma diversidade de linguagens que passa pelo visual, pelo auditivo, como é o caso da leitura de fotos, gráficos, filmes, vídeos, CDs, etc. Nossa biblioteca, hoje, transformou-se numa sala de multimeios. Outra vertente de nosso estudo em relação a esse tema foram a “Leitura dos meios de comunicação”, com o professor Artur Motta e “Trabalhando com o texto argumentativo”, estudo orientado pela professora Vera Bonfim.

Os professores Fernando Luiz Castro e Hécio Alvim trouxeram do Congresso da AEC, do qual participamos em julho de 2001, a análise de questões ligadas à Disciplina, na ótica de uma Pedagogia Libertadora.

Este tema foi complementado por um outro encontro de segunda-feira, em que a psicóloga Patrícia Rubim trabalhou conosco, em forma de estudo de casos, problemas da adolescência. Este assunto nunca se esgota e nos deixou com um gostinho de “quero mais”.

Fizemos uma proposta de planejamento de curso mais elaborada, na intenção de ampliar nossa visão de conteúdo centrados em conceitos para um trabalho mais abrangente, entendendo que também são conteúdos de ensino os procedimentos que nossos alunos adquiriram durante as aulas — é o aprender a aprender. Acima de tudo, queremos explicitar os valores que esperamos ver transformados em atitudes no nosso convívio diário. E, desse modo, estamos fazendo um esforço para ultrapassar aquele currículo essencialmente racionalista para um currículo numa perspectiva mais holística.

Um dos encontros mais ricos foi o que realizamos em forma de estudo interdisciplinar da questão indígena, tema da Campanha da Fraternidade. Professores de diferentes disciplinas nos deram subsídios para uma análise mais crítica desse problema, a partir de conceitos tais como: multiculturalismo, etnia, raça, mitologia, integridade ecológica, debatendo questões de discriminação, luta pela cidadania, qualidade de vida, integração nacional, etc. Foi uma bela noite de encontro pedagógico.

Empenhados em melhorar nossos instrumentos de avaliações, dedicamos também um encontro à análise de questões de prova. Com isso, queremos observar nossa integração vertical, através de diversos níveis de solicitação que fazemos aos nossos alunos. Este momento de análise e troca de experiências veio complementar um estudo já feito com a professora Vera Bonfim, em forma de oficina, durante a Semana Pedagógica.

Pelas atividades aqui descritas, pode-se observar a variedade de dinâmicas que temos utilizado nestas reuniões. Nosso objetivo é o de tornar esses encontros enriquecedores no sentido intelectual mas também fortalecedores de um sentimento de equipe.

Estamos, no momento, com nosso desafio maior, de trabalho interdisciplinar: desenvolver alguns projetos sociais atendendo ao desafio da “Globalização da Caridade” — luta contra a fome, lançada pela Família Vicentina no mundo todo. Fizemos o lançamento desta proposta em nossos últimos encontros do semestre e, possivelmente, estenderemos para o ano de 2003 os projetos mais ambiciosos. A realização desses projetos nos dará uma medida do quanto estamos podendo avançar em nossa utopia de Educar para a Transformação Social.

Nina Maria da Cunha
coordenadora acadêmica

Cumprimentand

Em jornalismo, traçar um perfil significa fazer uma minibiografia de alguém. E a *chama* já fez isso algumas vezes. Nesta edição, a revista resolveu servir de instrumento para uma apresentação nada formal. É que, em 2002, o São Vicente contratou professores novos e o Colégio tem certeza de que os pais de alunos e todos os membros da família vicentina gostariam de conhecê-los. De perfil, essas páginas vão virar espaço para um pequeno retrato. Neste número, vocês vão ser apresentados a quatro deles: Rafael Dória, de Artes; Airton Rocha Filho, de Educação Física; Márcia Pereira, de Biologia; e Isaura Maria de Castro, de Geografia. Os outros ficam para o próximo capítulo.

Era uma vez uma namorada...

Tudo começou em 1990, quando Rafael Dória ainda estudava no Andrews e o cupido o levou a namorar uma aluna do São Vicente. Desde aquela época, ele passou a freqüentar

e admirar os eventos culturais que o Colégio produzia. Mais de uma década depois — quem diria —, bacharel em Comunicação Visual e cursando licenciatura em Artes, ele começou a fazer o estágio obrigatório do seu curso no CSVP, com a professora Débora Montano. Quando o ano acabou e ele se formou, Débora o indicou para assumir algumas turmas. E foi assim que, este ano, Rafael tornou-se professor de Artes da 4ª série do Ensino Fundamental. “O São Vicente tem uma grande preocupação com a área humana, com o desenvolvimento do interesse pela arte, pela música”, destaca.

O jovem professor, com apenas 28 anos, não é dado a formalidades. Trata-se de um artista, com aptidões as mais diversas: passeia pela ilustração em diferentes técnicas, xilogravura, gravura em metal, serigrafia, monotipia, infografia, produção gráfica e muito mais. Isso sem contar a fotografia — incluindo os processos de revelação — e a arte em cerâmica. Para completar, Rafael pode ser encontrado por aí, na noite carioca, curtindo uma boa roda de samba. E não é só como ouvinte: é cantor e ritimista dos grupos “A troça” e “Prato Cheio”.

Atleta saudosista

O futebol com os amigos uma vez por semana é sagrado. A paixão pelo esporte é tão grande que, depois da graduação em Educação Física, Airton da Rocha Filho fez até um curso de Especialização em Futebol.

Entre infância e adolescência, ele praticou, além de futebol de campo e de salão, basquete, *waterpolo* e *handball*. Quando criança, brincava de autorama; depois de adulto, não perde uma corrida de Fórmula 1. E foi deste esporte que saiu seu maior ídolo: Airton Senna, um herói com o mesmo nome



AIRTON ROCHA FILHO,
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

que ele! Fã de carteirinha, o Airton do São Vicente guarda um grande acervo sobre o piloto. Saudosista, nunca mais olhou esse material depois que ele morreu. Mas o S de Senna continua na lataria do carro, fazendo companhia para um “Acelera Airton” no vidro. Dos atletas de hoje, admira Ronaldinho e Guga. Explica: “Como educador, eu vejo que o ídolo funciona como um espelho para as crianças e jovens. Por isso, acho que eles têm que dar bons exemplos”.

Airton é professor da Escolinha de Futsal do São Vicente, que é um serviço terceirizado, há 13 anos. Em 2002, passou a fazer parte da equipe de professores do Ensino Fundamental e Médio do Colégio. “Realizei um velho sonho”, conta.

Aos 38 anos, ele acabou de se casar e faz questão de destacar a atenção que recebeu dos amigos do Colégio no recente casamento. “Fui muito bem recebido, tanto pelos professores que já conhecia como pelos que vim a conhecer este ano. Já posso dizer que me sinto em casa”, resume.



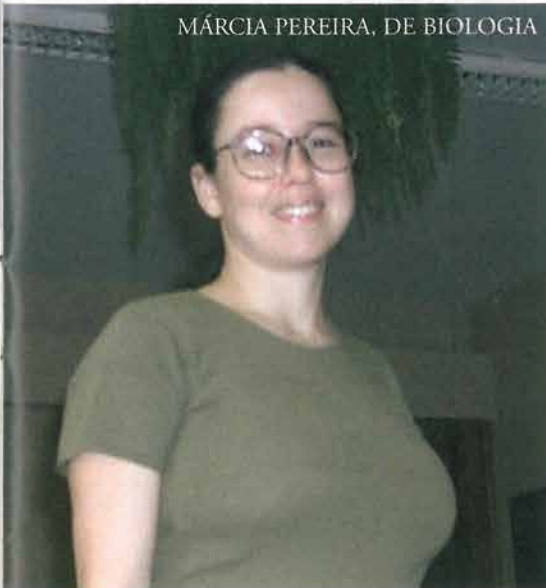
RAFAEL DÓRIA,
PROFESSOR DE ARTES

o a família vicentina

Senhoras e senhores...

Márcia Pereira chegou ao São Vicente este ano para substituir o professor Edson Bóia, que se afastou temporariamente das salas de aula para resolver problemas de saúde. Ela é bióloga e mestre em Bioquímica Médica, com área de concentração em Educação. A indicação para o São Vicente foi dada por uma ex-aluna do Colégio, que foi sua orientanda. Às vezes nem parece que ela tem tão pouco tempo de casa: “Quando encontro alguns alunos no corredor, finjo até que vou pegar no colinho”, conta, referindo-se aos marmanjos do 3º ano do Ensino Médio. Mas Márcia também não escapou de situações, no mínimo, interessantes. Como quando um aluno revelou, na preparação para o Conselho, que não gostava muito da mania que a professora tinha de se dirigir à turma por “senhores”. Ela se divertiu com a história e passou a chamá-los, com mais frequência, de “criaturas”. Essa eles engoliram e devem até ter gostado: prevenida, Márcia explicou que esse é o tratamento — carinhoso — que dá aos três filhos. “Estar no Colégio São Vicente é uma experiência feliz, plena

MÁRCIA PEREIRA, DE BIOLOGIA



ISAURA MARIA DE CASTRO, GEOGRAFIA

de humanidade, seja pelo convívio com os colegas de sala de aula ou de outros setores da Escola, seja pelo convívio com os estudantes”, resume.

Fora das salas, a professora de Biologia, de 37 anos, se transforma numa cinéfila de primeira linha daquelas que assistem a filmes de todos os gêneros. Na verdade, tudo menos terror. Você pode não acreditar, mas ela ficou “apavorada” com o filme “Seven, os sete crimes capitais”. “Eu passo mal, sinto muito medo”, justifica, ressaltando que, nos últimos anos, tem conseguido controlar melhor esse probleminha.

A geografia num contexto estético

Pouca gente sabe, mas a professora Isaura Maria de Castro, de Geografia, é uma grande anfitriã. Mais do que isso: ela adora organizar festas e jantares, cuidar da música, da luz, da decoração, enfim, de todos os detalhes para uma superprodução. Junta-se a esse *hobby* o fato de o marido ser *gourmet*. Humm... dá até para gostar mais de Geografia...

E esse talento não se restringe aos espaços familiares. Ela também adora e

pratica fotografia e, muitas vezes, sai com os amigos fotógrafos só para produzir o ambiente. “É um gosto pela estética”, define.

Quando engravidou, Isaura adquiriu outra paixão: a literatura infantil. Antes mesmo de a filha, que hoje tem cinco anos, nascer, a mãe já havia montado uma biblioteca para ficar à sua espera. A partir daí, passou a frequentar rodas de contadores de história e planeja até, um dia, escrever livros de Geografia para crianças.

A história com o São Vicente começou quando Isaura foi ao Colégio, currículo em punho, se candidatar à vaga de professora de Geografia do 1º ano do Ensino Médio. Conseguiu. Depois desses meses de experiência, os alunos fazem dela uma caricatura de quem gesticula o tempo todo. “É perfeito”, reconhece. Ela, por um lado, se surpreendeu com a afetividade dos alunos do São Vicente, em especial quando esbarra com eles em outros ambientes, fora da Escola. Por outro, no início ela estranhou o fato de eles demorarem para se organizar e começar a aula. Mas isso é coisa do passado: professora e turmas já acertaram os ponteiros, literalmente, e sem traumas. ■

Uma APM participativa

APM NA FEIRA DA LINGUAGEM

Cumprindo sua promessa de participar ativamente do dia-a-dia do São Vicente, sempre com o objetivo de fortalecer a parceria Pais/Escola, a APM marcou presença em todos os principais eventos ocorridos no Colégio, além da participação nas reuniões do Conselho Pedagógico.

Na festa de Natal, em dezembro passado, a APM não só ajudou a escolher o conjunto Sonho de Mel, que animou a festa com sucessos musicais dos anos 60 e 70, como distribuiu lembranças para professores e coordenadores e cestas de Natal para todos os funcionários.

Nas reuniões de pais das diversas séries, realizadas de 25 de fevereiro a 14 de março, no início do ano letivo, a APM

se fez representar por um de seus diretores, que falou aos presentes sobre a função e os projetos da Associação, buscando incentivar a participação de todos.

Na celebração do aniversário do Colégio, realizada em 26 de março, a diretoria, presente na missa e no coquetel, teve oportunidade de prestar contas dos projetos em andamento.

Na Feira da Linguagem, a APM foi responsável pelo "Café dos Quadrinhos". No cardápio, as guloseimas tinham nome de personagens do tempo dos pais e avós dos alunos – Chá Luluzinha, Café Super Homem, Chocolate Mulher Gato, Cafezinho Flash Gordon, Mousse Mulher Maravilha, Mousse Cavaleiro Negro, entre outros. Tinha comida e



super herói para todos os gostos. O resultado foi muita procura e muitos elogios.

Mas trabalho é o que não falta para quem quer trabalhar. Na Festa Junina, a APM participou com a Barraca da Baiana. Foi a vez do acarajé, do abará, das cocadas, do cuscus e de outras comidas típicas nordestinas, como o "escondidinho", prato feito com purê de aipim e carne-seca. Sucesso total e a certeza do dever cumprido. ■

ENSINANDO A PESCAR

Os recursos da APM provêm de um repasse feito pelo Colégio de 1,2% do valor líquido (sem taxas) das mensalidades e da renda obtida com a participação nos eventos realizados na Escola. Parte desses recursos é utilizada para apoiar projetos culturais e sociais realizados no São Vicente. Um desses projetos é o Curso de Corte e Costura, dirigido por Lúcia Justino desde 1994.

O curso tem duração mínima de um ano e é aberto a pessoas da comunidade. Dentro do Colégio, costuma despertar mais interesse nas alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mas existem exceções: este ano, Lúcia tem uma aprendiz de costureira de apenas oito anos, que é estudante do Ensino Fundamental do São Vicente.

Segundo a professora, o curso, chamado "Corte e costura e modelagem teckmold", mistura teoria e prática e utiliza um método quase inédito no Rio de Janeiro, porque substitui vários moldes por apenas um esquadro, que serve para o aluno moldar qualquer peça. As alunas — a maioria do público tem sido de mulheres — aprendem a fazer desde simples saias retas até calças, vestidos e roupas íntimas. No final do ano, quando sobra um tempinho, chegam a produzir "roupas de gala".

Maria das Graças de Oliveira, da 7ª série da EJA, faz o curso há três anos e agora trouxe também a filha Bruna, de apenas 13 anos. No campo do corte e costura, o máximo que Graça, como é chamada, fazia era bainha de uma calça. Hoje, já começou a costurar para fora e quando tem alguma dificuldade de concluir uma peça em casa, leva para a professora ajudar na aula. Bruna vai pelo mesmo caminho. Não sabia nem manipular uma máquina de costura: com alguns meses de curso, já está terminando seu primeiro vestido.

Para os interessados, o curso funciona na sala das Voluntárias da Caridade do Colégio São Vicente, às terças e quintas, de 17h30min às 19h e de 19h às 20h30min. Os alunos pagam uma taxa simbólica de R\$6 por mês. ■



LÚCIA JUSTINO, NO CENTRO, ENSINA GRAÇA E BRUNA, MÃE E FILHA





XÔ DENGUE!!



No dia 9 de março, alunos do São Vicente viraram notícia no jornal O Globo: “No Cosme Velho e em Laranjeiras, cerca de cem alunos dos colégios São Vicente de Paulo e Sion, com idades entre 6 e 9 anos, percorreram as ruas com faixas e cartazes, convocando as pessoas a participarem do Dia D contra o dengue”. A matéria fazia referência à passeata “Xô Dengue!”, realizada no dia anterior.

Nessa altura do campeonato, falar sobre dengue pode parecer coisa do passado, mas não é exatamente assim. Em primeiro lugar, porque não podemos esquecer que, se bobearmos, a epidemia volta no verão com carga total. Em segundo lugar porque, muito mais do que um ato isolado, o trabalho desenvolvido com as crianças da 2ª série do Ensino Fundamental é, na verdade, um dos frutos de um projeto educativo que quer, acima de tudo, formar cidadãos críticos, participativos e responsáveis. A passeata foi a culminância de um projeto que buscou discutir a epidemia de dengue, seus sintomas, prevenção e localização; estimular a coleta de dados e a realização de pesquisa; alertar a comunidade sobre a importância de se engajar nas ações de combate ao mosquito; buscar entrosamento informal entre as turmas de 2ª série do Ensino Fundamental. ■



Ao vivo e à cores

Durante toda a manhã do dia 27 de junho, os alunos da 3ª série do Ensino Fundamental tiveram a oportunidade de participar de um passeio-aula do programa “Caminhos do Rio”. Ciceroneados pela arquiteta e pesquisadora Renata de Faria Pereira, autora do livro “RIORIO - A História da Cidade do Rio de Janeiro em Quadrinhos”, eles conheceram os locais onde existiram, no

passado, as lagoas do Desterro, do Boqueirão e de Santo Antônio. Estiveram no Convento de Santa Teresa, no Passeio Público e no Convento de Santo Antônio. Ouviram muitas histórias sobre a cidade e sobre personagens famosos, observaram o quanto a cidade mudou ao longo dos anos, puderam constatar o descaso das autoridades com o patrimônio público e aprenderam a importância de se preservar nossos marcos históricos.

O projeto Caminhos do Rio foi desenvolvido pela arquiteta Renata e tem por objetivo levar estudantes do Ensino Fundamental a conhecer pontos históricos da cidade. Na visão da autora, o Rio é a nossa casa gigante. O Rio nos pertence e devemos aprender a amá-lo. Mas, para isso, segundo ela, é preciso conhecê-lo. ■



SINAL FECHADO, PACIÊNCIA E PRES

Há alguns anos, Paulinho da Viola cantava, num daqueles antigos Festivais, uma canção que nos deixava angustiados por retratar de modo tão próprio o isolamento que nos assolava nas grandes cidades. A canção chamava-se “Sinal Fechado” e reproduzia o diálogo de dois amigos que se (re)encontram, cada um no seu carro, e só têm o tempo do sinal fechado para trocarem rápidas palavras:

- *Olá, como vai?*
- *Eu vou indo. E você, tudo bem?*
- *Tudo bem. Eu vou indo em busca de um sono tranqüilo... quem sabe?*
- *Quanto tempo...*
- *Pois é... quanto tempo...*
- *Me perdoe a pressa... é a alma dos nossos negócios...*
- *Oh! Não tem de quê... eu também só ando assim...*
- *Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí...*
- *Pra semana, prometo, talvez nos vejamos... quem sabe?*

Passados mais de 30 anos de sua apresentação, a canção torna-se mais angustiante pelo seu caráter profético: mais do que uma crítica àquele momento, anunciava um modo de vida ao qual acabamos por chegar, embora, contraditoriamente, desejemos dele fugir a todo instante...

Os autores que analisam nosso tempo apontam para a sua característica de fragmentação: a vida vai perdendo o sentido enquanto projeto utópico e se transforma num emaranhado de momentos presentes pontuais, com princípio e fim em si mesmos... Como todos nós vivemos saltando de momento presente a momento presente, vamos perdendo de vista aqueles que estão ao redor de nós, mergulhados, também, em seus próprios mundinhos...

Como se não bastasse tudo isso, uma ideologia cruel nos faz acreditar que algo está errado conosco, e não com o sistema, pois a proposta da contemporaneidade é “boa”, na medida

em que “valoriza o sujeito enquanto indivíduo”, na medida em que “cada um pode assumir suas diversas identidades sem críticas e sem preconceitos”... Se algo faz com que não nos sintamos bem, nós é que estamos desajustados, não pertencemos a este tempo, somos de “outra era”...

Se nos detivermos nas esferas mais próximas de nós, veremos o quanto a canção de Paulinho da Viola se tornou atual e incomodamente contemporânea. Passamos a ter pouco mais que o tempo de um sinal fechado para falar com nossos colegas de trabalho, com nossos vizinhos... até mesmo com nossos companheiros e companheiras na vida, até mesmo com aqueles que, dos mais diversos modos, tornaram-se fruto de nós...

A rede na qual nos enredamos, somos nós mesmos que a tecemos... se queremos nos libertar e transformá-la em instrumento de crescimento para nós e para os que nos cercam, precisamos tomar iniciativas: ela é porta que só se abre por dentro...

Tudo isso me vem ao pensamento, no momento em que sou chamado a escrever sobre as (poucas) possibilidades e os (muitos) limites da comunicação Escola-Família...

Acredito que todas as dificuldades que temos tido na área da comunicação, seja das pessoas umas com as outras, delas com as instituições e destas entre si, devem-se muito mais ao ritmo que imprimimos à nossa vida do que a uma real falta de comunicação. Afinal, nunca tivemos tantos meios à nossa disposição: telefone, fax, internet, rádio, correio... E talvez nunca tenhamos vivido tantas experiências de informações truncadas ou ausentes...

As teorias de Comunicação apresentam-na como um fenômeno que se constitui de dois pólos e de um campo de significação que se estabelece entre eles. Na medida em que compartilhamos o mesmo campo de significação, fazemo-nos entender mutuamente e temos a possibilidade da

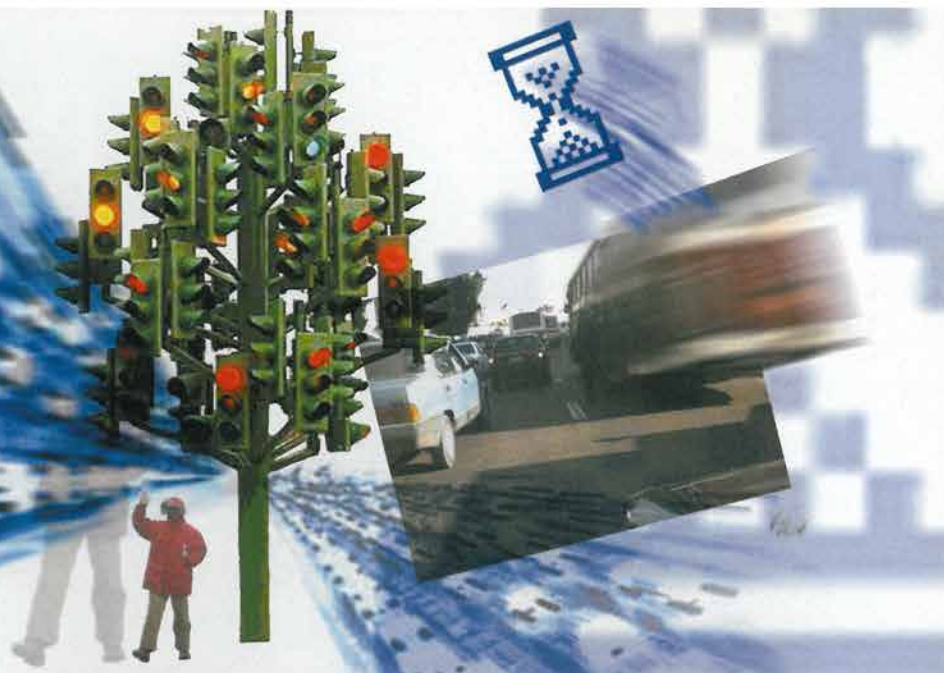
comunicação... mas uma outra variável deve ser considerada: para haver comunicação, é preciso tempo.

Assim, romper a rede, abrir a porta por dentro, exigirá de nós um outro ritmo. Aprendamos, mais uma vez, com o nosso cancionero popular. Na canção Paciência, Lenine nos diz que

*Enquanto o tempo acelera
E pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara...*

Na perspectiva da “raridade” da vida, experimentaremos novas possibilidades de tempo nas nossas vivências cotidianas. Somente quando, pessoal e coletivamente, nos convenceremos da raridade de cada etapa na vida de nossas crianças, adolescentes e jovens, daremos os passos necessários para uma efetiva Comunicação entre todos aqueles que, de um modo ou de outro, participamos da tessitura da rede que, ora lhes embala o sonho, ora os aprisiona. Estamos presentes, ainda que com nossos acertos e erros, mas não estamos omissos.

É a raridade de cada etapa de suas vidas (e, por que não dizê-lo?, também das nossas vidas) que nos motiva a “agüentar” reuniões, a acompanhar-lhes os deveres, os resultados das provas e dos trabalhos, a abrir-lhes as mochilas para encontrar aquela circular amassada e envelhecida que ele ou ela se esqueceu de entregar. É por sabê-los raros e tão rapidamente passageiros, que vamos querer saber da parte mais enfadonha das suas vidas, aquela para a qual ainda estão se constituindo como cumpridores de deveres... e vamos caminhar com eles. Ainda que a caminhada se faça abrindo a homepage do Colégio no domingo à noite para saber do que se passou e o que vai acontecer na próxima semana, permitindo-nos ligar do trabalho e perguntar-lhes das vivências daquele dia...



No Colégio, temos experimentado, em diversas situações, este conflito em relação ao tempo. Alguns fatos parecem exigir de nós um pronunciamento imediato, mas a experiência tem mostrado ser mais produtiva que nossas posições brotem do diálogo e do amadurecimento das reflexões. Assim ocorreu com diversas circulares: sobre o mau uso da internet, sobre os furtos na escola, sobre as “ovadas”, sobre a Copá do Mundo, etc. Textos iniciais foram produzidos, discutidos e modificados, a partir de sugestões vindas dos diversos setores, dos representantes de Alunos e Professores, dos Grêmios e da APM, conforme cada situação recomendasse. Tudo isso para que a comunicação às Famílias fosse fiel aos nossos propósitos, coerente com nossa visão de mundo e com a Missão que assumimos, de *formar agentes de transformação social*.

Escola e Família somos chamadas à parceria, em proveito da *vida tão rara* de nossos Alunos, seus Filhos. Parceria esta que se faz no tempo da comunicação, ainda que por recursos tecnológicos e em espaços não comuns. Parceria e comunicação que tornarão dispensáveis perguntar “lá, como vai?”, não por desinteresse, mas porque nos conhecemos e nos reconhecemos no cotidiano dos sinais que se abrem e se fecham; porque, *pacientemente*, nos sabemos uns com os outros, na vida. ■

Artur Motta
coordenador comunitário

Leia, abaixo, trechos de uma circular, de 24 de abril de 2002, em que o Colégio alerta os Pais e Responsáveis para problemas de furtos e ovadas, que motivou alguns pais a responderem (seção de cartas, página 32).

Temos assistido, nas últimas semanas, às mais absurdas cenas de **intolerância**, em várias partes do mundo, e do **abandono** com que milhares de pessoas, na África e noutros espaços periféricos do mundo, são aniquiladas por epidemias e pela fome.

Diante dessas cenas, trazidas pelos meios de comunicação, colocamo-nos passivos; sentamo-nos à frente da telinha ou do telão e assistimos passivamente, sem conseguir interferir. “Invadimos” a privacidade autoexposta de pretensos **brothers** e **artistas** que nada mais fazem senão distorcer o verdadeiro sentido do **irmão** e da **arte**. Pais e Mães reunidos com os Filhos diante da TV, praticamente aceitamos toda sorte de atitudes que têm como objetivo final o “levar vantagem em tudo”, como meio a “detonação” dos companheiros e como resultado um sentimento de estranheza diante de valores como **solidariedade**, **justiça** e **aceitação das diferenças**.

Este contexto, este cenário, explica, em parte, algumas situações que tivemos que viver em nossa Escola. Referimo-nos, de modo particular, aos furtos ocorridos no interior do Colégio e às brincadeiras de extremo mau-gosto, em que o aniversariante do dia recebe uma “ovada”: jogam ovos, farinha e outros produtos sobre a cabeça do “homenageado”.

Nos dois casos, temos que admitir que nada conseguiremos, se não houver a parceria Escola-Família, que nos ajudou tão fortemente no ano passado.

No caso dos furtos, é importante que, além dos cuidados que a escola, internamente, possa ter, também os Pais verifiquem os objetos que seus filhos levam para casa e o acesso que estão tendo a uma série de produtos e eventos, avaliando se tal acesso é compatível com as quantias que recebem em suas mesadas ou semanadas. Em muitos casos, por trás do interesse em conseguir dinheiro por quaisquer meios, pode estar o envolvimento com comportamentos de extremo risco, com todas as conseqüências que bem conhecemos...

(...)

Preocupamo-nos com quem foi roubado (...) Mas preocupa-nos, também, aquele que rouba (...) Alguns alunos e Famílias têm proposto “soluções” na base do “olho por olho, dente por dente”, ou acham que as coisas “ficam por isso mesmo”, quando estamos tentando dar um **encaminhamento educativo** aos acontecimentos, postura para a qual é indispensável o estreitamento da parceria.

(...)

Confio numa resposta pronta dos Pais ou Responsáveis. Peço que nos ajudem nestas duas dificuldades. Agradecemos, de coração, sua ajuda.

OLHOS PARA QUE TE

“O meu olhar é nítido como um girassol.

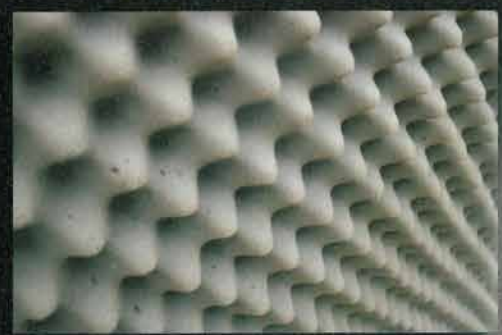
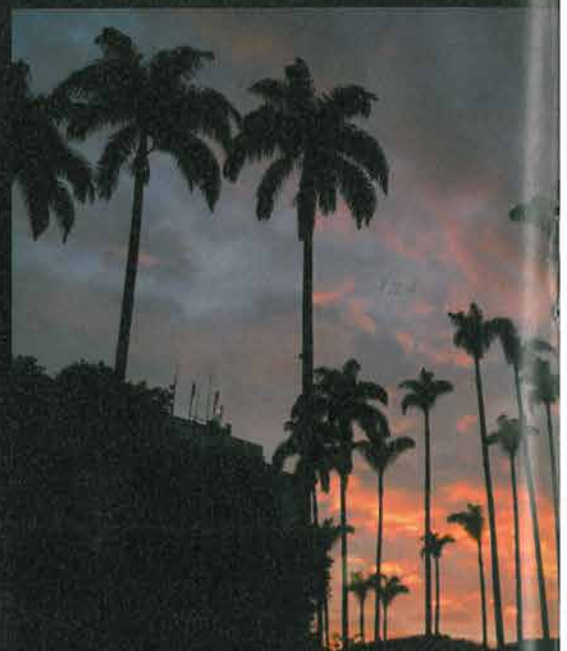
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...”

(Fernando Pessoa/ Alberto Caeiro, em
“O Guardador de Rebanhos”, 8-3-1914)

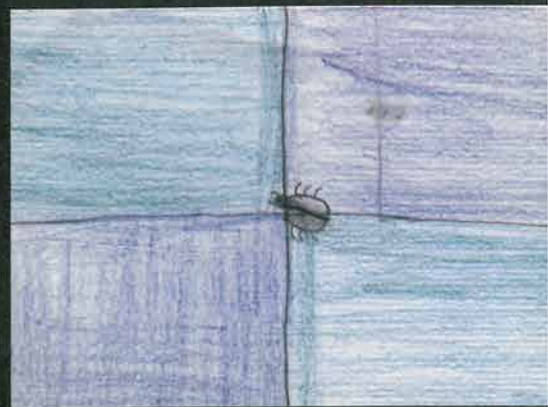
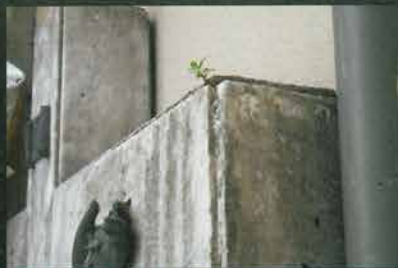
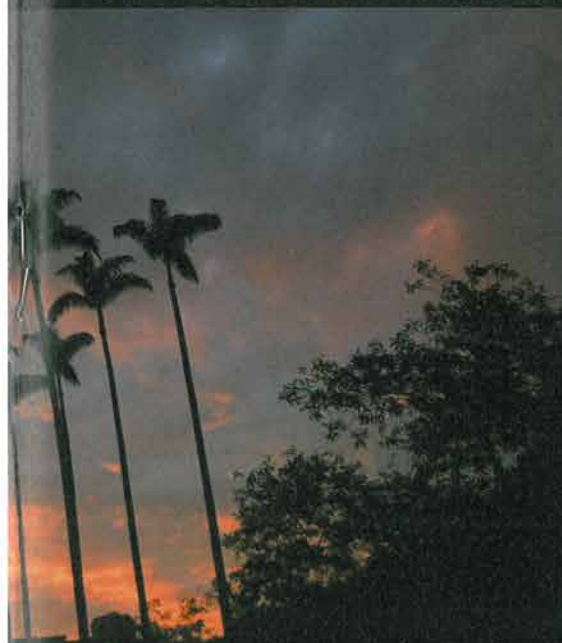
Nossa civilização tem, aos poucos, se transformado na civilização da imagem e do movimento. Mais do que nunca, a questão do olhar está no centro do debate da cultura das sociedades contemporâneas. No São Vicente, um belo ponto de partida para se pensar sobre o tema é o interesse que as recentes mostras fotográficas montadas no Colégio despertaram nos alunos.

Quando pensamos na questão do olhar, devemos ter em mente que as cidades mudaram, que os meios de comunicação e de transporte criaram um mundo acelerado e certamente alteraram nossa maneira de ver e de sentir o mundo. Vivemos no dia-a-dia como se estivéssemos constantemente dentro de um trem em movimento. As imagens perdem sua profundidade e se apresentam aos nossos olhos de forma chapada, como numa tela de cinema. A paisagem que nos cerca se transforma em cenário e as pessoas em personagens.

Uma enxurrada de imagens é oferecida aos nossos olhos numa tal velocidade que mal podemos perceber os sentidos embutidos em cada uma delas. Todas parecem ser iguais, a beleza do diverso, do diferente, do múltiplo, se perde numa indiferenciação que chega a ser assustadora. Não nos damos mais o direito de flunar como o personagem de Baudelaire, que caminha lentamente pela cidade ou pelos lugares tentando captar as coisas como elas são. Sem sentir, subtraímos da nossa vida o prazer e o êxtase de conhecer a realidade, substituindo-a por simples representações, até que essas representações se transformem em meros clichês de uma realidade oculta. Olhar é descobrir o mundo que se esconde por



E QUERO?



trás das imagens. É preciso, portanto, que reaprendamos e pratiquemos constantemente a arte de olhar.

O olhar do estrangeiro

Ao nos tornarmos parte do cenário, normalmente perdemos a capacidade de dar sentido às imagens que constituem a identidade do lugar em que vivemos e, conseqüentemente, a nossa própria identidade. O cinema, por exemplo, passou a utilizar freqüentemente o recurso do "olhar do estrangeiro", o olhar daquele que não é do lugar, do recém-chegado, capaz de ver o que os outros não conseguem mais perceber, aquele que pode ver além da imagem e resgatar antigos significados. O estranho, o estrangeiro, também pode ser aquele que retorna, aquele que volta para casa depois de um longo período de ausência, aquele que volta para reencontrar uma parte perdida de sua identidade.

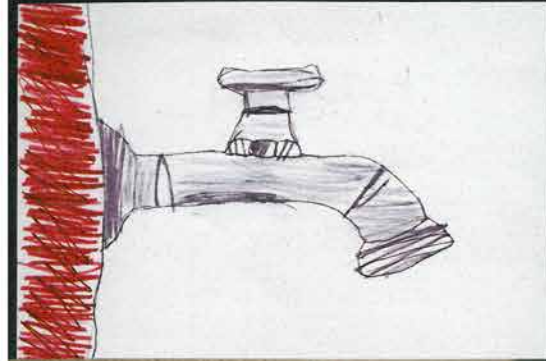
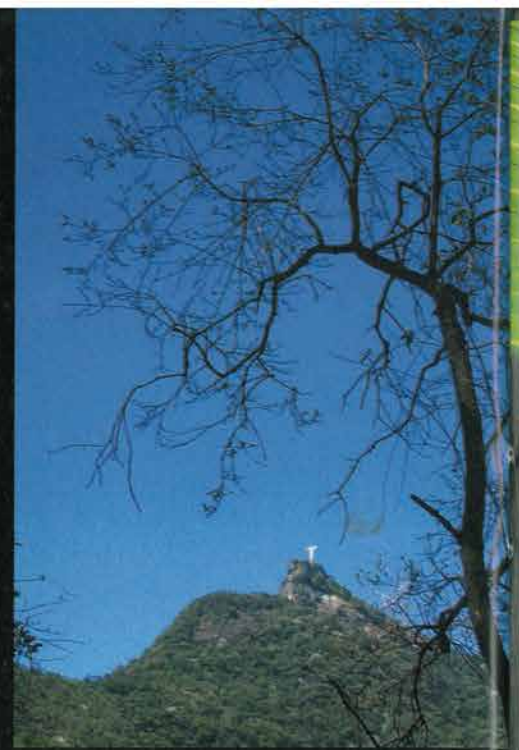
Como num roteiro de cinema, o São Vicente também tem o seu "estrangeiro". Pe. Lauro Palú foi diretor por seis anos, de 1980 a 1986. Treze anos depois, em 31 de maio de 1999, com a morte de Pe. Almeida, reassumiu o cargo. Voltou e trouxe consigo muito mais do que o estranhamento natural dos que se afastam. Amante da fotografia, ele trouxe também a vontade de registrar imagens que os olhos daqueles que aqui estavam talvez não captassem mais.

O olhar passivo e o olhar ativo

O pesquisador André Moncaio Afonso identifica duas "posturas" da visão: o olhar receptivo (passivo) e o olhar criador (ativo). O olhar passivo ocorre quando nos colocamos como meros receptores daquilo que se oferece a nossa visão e consideramos que o homem não produz nada com seu olhar, que é apenas uma via de mão única. Por outro lado, existe a idéia do olhar criador, surgida principalmente a partir do Renascimento Italiano, com a Teoria do Saber de Leonardo da Vinci. Segundo ele, saber ver era a chave para desvendar a complexa natureza. Da Vinci acreditava que somente os artistas eram capazes de transmitir de maneira verdadeira e precisa o resultado da observação visual. Nessa época, com câmara escura, começava a surgir uma espécie de olhar fotográfico. De acordo com André Afonso, "o uso de espelhos e lentes como acessórios para formar uma imagem e a atitude de enquadrar com o uso de um orifício em uma folha são apenas alguns exemplos desse novo olhar".

Tecnicamente, a fotografia é o resultado da impressão da luz em partículas sensíveis que resulta na produção de uma imagem. O resultado final, no entanto, não é apenas um mero registro mecânico da realidade.





Quando observamos uma foto, devemos ter em mente que o fotógrafo selecionou apenas uma entre uma infinidade de outras vistas possíveis, e que essa autonomia, esse poder e essa capacidade de escolha estão presentes até mesmo no mais corriqueiro instantâneo de família.

O olhar do fotógrafo sobre o São Vicente

Primeiro foi a vez do Caraça e muitos ainda devem lembrar das belas fotos que ilustraram a **chama** nº 62. Depois, o fotógrafo Lauro Palú mudou seu objeto de observação e presenteou a todos com duas exposições nas quais o tema era o próprio Colégio.

Segundo suas próprias palavras, em "Rotina/Retina ou o que ver no São Vicente" (nov/dez-2001), Pe. Lauro prestava uma homenagem à comunidade educativa do CSVP, àqueles que construíram o Colégio tão bonito, cheio de perspectivas e de surpresas, e àqueles que o mantêm tão limpo e tão lindo.

"O Colégio São Vicente

sua arquitetura

suas perspectivas

seus corredores

suas luzes

suas sombras (azuis!)

seus reflexos

suas flores

seu morro encantado

(apoio forte do Cristo do Corcovado e nosso chão)"

A segunda exposição, "Celebração – dos olhos, pelos olhos, para os olhos", foi montada por ocasião das comemorações do 43º aniversário do Colégio e nasceu da vontade que Pe. Lauro tinha de compartilhar com

todos os amigos um pouco do Colégio que se revela aos seus olhos nos finais de semana: um Colégio calmo e silencioso, muito diferente daquele que todos vêem nos dias de aula. A intenção era promover a celebração do bonito das paredes e do belo das sombras, mostrar os pequenos detalhes que compõem o todo, a vida que se esconde naquilo que aparentemente não tem vida, os reflexos que muitas vezes não percebemos quando olhamos para o chão, a paisagem que se vê quando se olha para fora dos muros e das janelas.

Muitos alunos, professores e funcionários puderam ver coisas que nunca haviam visto como, por exemplo, as sombras na parede do corredor, que só se formam em determinado período do dia.

A simplicidade das imagens, um dos pontos a destacar, tem uma explicação: a inspiração na pureza, na delicadeza e na beleza do *hai-kai*, pequeno poema japonês, de forma fixa, constituído por 17 sílabas, distribuídas em três versos (5-7-5), sem rima ("Sobre o sino, / Repousa e dorme / A borboleta"). Segundo Pe. Lauro, que também se encanta com a caligrafia japonesa, o poeta e jornalista Guilherme de Almeida tinha uma definição brilhante do *hai-kai*: "Notação poética de um instante de exceção". A admiração pelo *hai-kai* influencia todo o trabalho fotográfico de Pe. Lauro, que justifica:





“No hai-kai há uma economia, uma simplicidade de informação que muitos pensam não fazer sentido. Para os japoneses, os ocidentais não são suficientemente espiritualizados para compreender a grandeza contida nesses pequenos versos. Eu acho que esta simplicidade, este momento de exceção, também está presente na fotografia. Eu me deixo surpreender muito. Eu gosto de captar tanto o mínimo fragmento quanto a totalidade”.

O olhar dos alunos sobre o Colégio

Na época da primeira exposição, em entrevista à Photosynthesis (www.photosynt.net), Pe. Lauro dizia: “Meu objetivo é fazer com que os alunos vejam o Colégio de uma outra forma. Suas geometrias, suas cores, seus corredores, as flores... Alguns já pediram para “ensinar” a fazer fotos daquele jeito. Tenho recebido retorno de pais de alunos e professores. Uma professora pediu cópia de uma das fotos para usar na aula de geometria. Isso é gratificante. Na verdade, faço parte de um conjunto de educadores que trabalham nesse sentido, como os professores de artes. Acredito que, com a educação pela arte, pela música, pelo teatro, pode-se promover a transformação social. Fotografar é como tocar violão clássico. Como diretor do Colégio, com o digital, percebi que aos poucos

se formou um acervo. Quero motivar os alunos a gostar do Colégio”.

O esforço de Pe. Lauro parece não ter sido em vão. Os alunos foram desafiados. Aceitaram. E o encanto da proposta gerou muitos trabalhos. Sem uma câmera na mão, os alunos tentaram compreender a visão do fotógrafo com papel e lápis. O resultado: belos postais que, ora reproduziam as fotos, ora estampavam os próprios referenciais dos novos artistas.

O gosto pela fotografia também foi estimulado. Um passeio ao Jardim Botânico e outro ao Caraça foram a prova de algo pode ter começado a mudar na maneira de olhar dos alunos. A lição mais importante? Certamente que é necessário e muito compensador se olhar o mundo e o Colégio com outros olhos, não mais com o olhar acostumado e acomodado de quem já é da casa, mas com o olhar do estrangeiro, que questiona, que critica e que ajuda a construir a realidade que o cerca. ■



Como um Colégio que tem por objetivo a formação de agentes de transformação social, o São Vicente tem a cidadania como uma questão sempre presente. Cidadania tem várias faces, diversas formas de manifestação e o ano de 2002 tem sido uma fonte inesgotável de oportunidades para se discutir o tema: um ano de Copa do mundo, de eleições e até uma inesquecível ameaça de apagão.

Quer um exemplo melhor de cidadania do que a atitude coletiva do povo brasileiro diante do racionamento de energia? As obras necessárias não foram feitas, a chuva não veio, os reservatórios de água baixaram e o Brasil viveu o terror de uma crise de energia. O governo pediu e a população economizou. Desligou freezer, microondas, ar condicionado; trocou as lâmpadas incandescentes por fluorescentes; parou elevadores; enfim, fez a lição de casa direitinho. E o tão temido apagão não veio.

O Colégio também economizou. Fez campanha, ajudou a conscientizar e, como resultado de um trabalho conjunto, que envolveu esforços de alunos, professores, coordenadores, diretores e funcionários, se manteve dentro da meta. Mas não foi só isso: o São Vicente aproveitou pedagogicamente esse momento de mobilização nacional e fez do racionamento tema de estudo em muitas disciplinas, em todos os segmentos. A matemática, por exemplo, botou a garotada para observar contas de luz, fazer análise de gastos, atentar para o desperdício. E, dos menores aos maiores, todos aprenderam a fazer economia.

Se é para falar em cidadania, o São Vicente parabeniza a população brasileira pela brilhante mobilização, pelas iniciativas coletivas e individuais para conter o racionamento. O Colégio só lamenta que, como recompensa, as pessoas tenham recebido o aumento de tarifa e a cobrança de tantas outras taxas

e impostos que passaram a ser cobrados para compensar a "perda" de recursos que as empresas de energia tiveram com a "diminuição do consumo". Que pena! Mais uma vez, o povo, o cidadão, acabou pagando a conta do racionamento que não provocou e do apagão que ajudou a evitar.

Se nessa hora bate um pouquinho de desânimo, vale voltar a outros momentos de construção e manifestação da cidadania. Como a Copa do Mundo, que trouxe alegria, orgulho e confiança no Brasil. Ou as eleições, que sempre representam uma oportunidade de mudança para melhor. São essas duas abordagens da questão da cidadania que você vai ler a seguir.

O COPO E A COPA (ou da PENA ao PENTA)

Pe. Lauro Palú, C. M.

O que tivemos que sofrer pelo técnico turrão e burrão! Que Romário?! Uns pediam ajuda direto a Deus, que o time não daria nem para o começo da Copa. Em poucos dias, nosso time passou de última possibilidade a campeão deslumbrante, de jogadas geniais, inesquecíveis, imprevisíveis, impossíveis de descrever... Felipe Scolari teve que passar de Felipão a Felipanta mas chegou a Felipenta. E nós sendo levados atrás...

Quando dizem que a Seleção é a pátria de chuteiras, lembro-me: chuteiras importadas. Mas assim mesmo valeu a pena, se George W. Bush aprendeu que no Brasil também há negros. As comemorações em Brasília serviram para as fotos do Pássaro Formoso com os nossos campeões nada formosos... As horas na Capital bem que deram tempo ao Pavão Misterioso de pedir desculpas ao Felipíssimo pela pressão para que levasse o Romário. (Dizem que o Presidente não aproveita bem o tempo em Brasília).



Uma lição da Copa foi o companheirismo, a consciência de que só venceremos se jogarmos como parceiros, defesa e ataque, goleiro e artilheiro, bandeirinhas e juiz, Professor e Aluno, Inspetor e Funcionário, Pai e Mãe, Escola e Família.

“O bonito mesmo da Copa é que já temos condições de dispensar que os heróis façam o Brasil em nosso nome ou em lugar de nós”

Quero ressaltar três imagens da Copa: a) O “passe” do Rivaldo para o segundo gol de Ronaldinho. Propriamente nem passou, só deixou a bola passar, sem pensar que também poderia ser artilheiro, melhor do jogo e melhor da Copa, Bola de Ouro. Essa lição é dura de aprender e de viver: deixar a bola para o colega, o rival, o que é melhor que nós. b) Do Ronaldo ressaltar os olhos pregados constantemente na bola. Vejam a cena, no *tape*: caiu, cavando a falta, se levantou, brigou pela bola, deu-a pro

aces da cidadania

Rivaldo e a recebeu em bandeja de prata das mãos do alemão, para o golaço. Ronaldo só vê a bola, e os companheiros em função da bola. Quem dera que nesta Casa só tenhamos isto nos olhos: os Alunos e Alunas, seu crescimento, independência e transformação. c) Cafu encheu o peito e ergueu a taça declarando seu amor à mulher, Regina, que lhe enche os olhos mais que a bola. Pena que os dois bilhões de pessoas não tenham entendido a declaração de amor do nosso capitão.

Mas o bonito mesmo da Copa é que já temos condições de dispensar que os heróis façam o Brasil em nosso nome ou em lugar de nós. A pedagogia do herói não se usa mais, nem com crianças. Mas é preciso saber que a luta é desigual: a) Os Bombeiros de Brasília, no dia do Bombeiro, tinham preparado o carro para a Seleção mas ela desfilou no carro da Brahma e da Ambev. b) O Presidente tomou chimarrão com o Felipenta. (Deve ter sido nessa hora que pediu as desculpas, que eu acabei não vendo).

CIDADANIA E DEMOCRACIA

Marcelo Sant'Anna 2ºB

Rafael Abreu 2ºA

Art. 21-I) Todo homem tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*

As eleições brasileiras estão chegando e, para isso, é preciso que nós, eleitores, estejamos cientes de nossas escolhas. Mesmo os que não votarão nessas eleições, seja por impossibilidade ou falta de interesse, devem começar a conscientizar-se da situação política brasileira, já que um dia serão obrigados a exercer a tão sonhada "cidadania".

Para a conscientização, é fundamental uma pesquisa minimamente aprofundada sobre a ideologia, origem e o programa de governo de cada candidato/partido. Seu voto deve ser fundamentado numa decisão particular, sem deixar-se influenciar por pesquisas de intenção de voto e reportagens superficiais, que nós não sabemos se estão sendo manipuladas.

"O voto é apenas o primeiro passo em um eterno processo de vigilância e participação na democracia"

Até agora não tivemos a disputa de propostas de governo entre os candidatos, mas a guerra de seus "marketeiros". Esses "polítiqueiros" tentam atrair o voto daquelas pessoas que não sabem nada sobre um candidato, mas devido à propaganda, acabam votando em fulano porque é "gente boa". Falta um embasamento político para avaliarmos qual candidato tem as melhores idéias, mais viáveis para a situação brasileira.

É importante lembrarmos que o voto é apenas o primeiro passo em um eterno processo de vigilância e participação na democracia. Acompanhar o desempenho dos candidatos eleitos – tendo tido eles a honra de seu voto ou não – é fundamental na cobrança de suas propostas de campanha, e uma obrigação do cidadão. ■



No dia 11 de maio, o coral Loas e Luas, comandado pela professora Norma Nogueira, abriu a IV Feira da Linguagem cantando em alto e bom som que “o sol de Nova Delhi de manhã é o mesmo que ilumina Amsterdã”. A música, de autoria de Gijs Andriessen e Juca Filho, fala sobre a necessidade de entendimento entre os homens e deu o que pensar. Certamente, quando se fala na “necessidade de entendimento entre os homens”, se pensa obrigatoriamente no complexo mundo da linguagem e se compreende a importância de um evento capaz de apresentar e problematizar as inúmeras formas de expressão que permeiam as diversas práticas humanas.

A linguagem das Artes

Da música à fotografia digital, passando pela história em quadrinho, tinha de tudo um pouco. O trabalho sobre ‘música concreta’, desenvolvido pelo professor José Assunção com estudantes da 4ª série, por exemplo, desafiou a curiosidade de todos que buscavam entender de que maneira as

seqüências simbólicas criadas pelos alunos se tornavam sons que se transformavam em música.

A literatura e sua eterna companheira, a ilustração, estavam presentes de várias formas. A saga do herói babilônico Gilgamesh serviu de mote para o belo trabalho que as professoras Débora (Artes), Flávia (Português) e Bia (Informática) realizaram com os alunos da 5ª série. Já a turminha da 3ª série do EF mergulhou fundo na história de Bia Hetzel, “Rosalina, a pesquisadora de homens”, fez propaganda do livro e mostrou, em desenhos e letras de músicas, o que aprendeu com a estudiosa baleia Rosalina sobre o bicho homem e sobre a importância de se preservar a natureza. Graça Lima, a ilustradora do livro, fez palestra, respondeu às perguntas feitas pelos alunos e distribuiu autógrafos.

A linguagem da ciência

“Eu te faço jurar por Mercúrio e por Anubis, pelo rugido do dragão Kerkoruburus e pelo latido do cão de três cabeça, Céberro, o guardião do inferno”. Por favor, não se assuste! Esse é apenas um

dos estranhos juramentos proferidos pelos alquimistas ao ingressarem em suas seitas secretas. O “segredo” foi revelado pelos alunos de Química da professora Izabella a todos que entravam na sala iluminada à luz de velas e penetravam imediatamente no mundo repleto de simbolismos onde figuras como Flamel, Nostradamus e Paracelso, ao buscarem descobrir a Pedra Filosofal e a panacéia universal, acabaram por delinear os caminhos da ciência moderna.

Da alquimia à ciência, a linguagem mudou e o discurso ganhou *status* de verdade absoluta. Sem questionar o discurso científico, o homem quase destruiu o planeta e a própria espécie humana. Daí, a importância de trabalhos como “Repensando a ciência”, realizado pelas professoras Rosa (Ciências) e Cristina (Artes) com os alunos da 6ª série, e “As duas faces da moeda”, que a professora Inah (Química) desenvolveu com alunos da 1ª série do EM.

Abaixo a Torre de Babel!



A vida é um projeto de faça você mesmo



Muito que aprender

Alguns trabalhos trouxeram para a Escola a linguagem dos meios de comunicação. Teve *reality show*, *talk show*, site sobre dengue, análise do uso que a publicidade faz dos nossos mecanismos de necessidade e desejo, manchetes de jornal e muitas outras coisas que nos esquecemos de analisar no dia-a-dia. Tinha, entre tantos outros, trabalhos sobre a linguagem Braille, sobre o código Morse, sobre a linguagem universal das partituras musicais, sobre os sinais de trânsito e sobre a linguagem corporal da mímica. Infelizmente, como não dá para falar de tudo, só nos resta agradecer a todos – alunos, responsáveis, professores e funcionários – que uniram esforços e nos possibilitaram mais uma oportunidade de compreender melhor tanto o mundo em que vivemos quanto o outro com o qual convivemos. ■



Para muita gente, sábado é dia de descanso. O dia 27 de abril, no entanto, foi um sábado de muito trabalho no São Vicente. Afinal, esse foi o dia escolhido para a Feira do Trabalho de 2002.

A Feira não é um evento isolado. Ela faz parte de um grande projeto de informação profissional que a equipe de Orientação Educacional desenvolve para os estudantes do Ensino Médio. Durante o evento, os alunos puderam obter mais informações sobre os diferentes cursos universitários, além de terem a oportunidade de conversar com profissionais de diversas áreas, podendo refletir melhor sobre suas futuras carreiras.

Uma das atividades que mais chamou a atenção dos alunos foi o *Encontro com as Universidades*. Em *stands* com material de consulta e profissionais de inúmeras instituições – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontifícia Universidade Católica (PUC), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), Universidade Veiga de Almeida (UVA) –, era possível obter informações sobre os cursos oferecidos e sobre o vestibular.

As palestras com profissionais de comunicação e engenharia foram muito importantes, principalmente para os alunos interessados nessas áreas de atuação. Cada profissional convidado – pais, mães e amigos de diversos alunos da Escola – tinha cerca de dez minutos para falar sobre suas experiências e depois era proposto um debate.

Alunos da 2ª série do EM apresentaram o resultado de uma pesquisa realizada com orientação da professora Angela Paiva, de Sociologia, sobre diversos aspectos relacionados ao trabalho, dentre eles: “O trabalho nas sociedades primitivas”, “O trabalho no mundo moderno”, “O pós-fordismo” e “O trabalho no Brasil”.

No Laboratório de Informática, os testes vocacionais propostos na *Oficina de Curiosidades Profissionais*, realizada sob a supervisão das professoras Ester Levis e Beatriz G. Peixoto, mostravam como a internet pode ajudar na busca de orientação profissional.

Como se pode ver, falar de trabalho pode até ser bem divertido. Mas no final da Feira, o negócio era ir para casa descansar e aguardar o domingo chegar. Afinal, ninguém é de ferro! ■

Colaboraram: Maria Clara Borges e Maria Eleonora Caldeira (Orientadoras Educacionais do Ensino Médio) e Maria Cristina Caldas (Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio)



Uma ação transformadora

Já faz um ano e meio que os Alunos são recebidos nas aulas, mesmo quando chegam atrasados. A gente se atrasa por mil razões: o ônibus, a mãe não nos acordou, demorei no café, o noticiário da TV, saí tarde de casa, vim chutando pedras na rua, conversando, me arrastando, pedindo a Deus que o mundo acabe em barranco para eu poder morrer encostado... Assim é claro que a gente se atrasa.

O uso era 200, 300 Alunos ficarem no pátio. Num mundo cheio de problemas como o nosso, era uma perda injustificável de energias, um verdadeiro desperdício de dinheiro e tempo. Queremos acabar com isso, por um esforço coletivo, responsável e consciente, que deve envolver toda a nossa Comunidade Educativa.

Não é que agora os Alunos possam chegar atrasados. O horário é o mesmo: as aulas começam às 7h30min. Mas queremos valorizar tanto a presença de cada Aluno que o vamos receber em sala, a qualquer momento. Não é que eu possa chegar à hora em que quero, atrapalhar os colegas e a aula do Professor, entrar e começar a dizer que não entendi nada. É claro que não entendi, se mal entrei na sala. Então copio o que está no quadro, tento situar-me, anoto para perguntar depois ao colega e completar o que não ouvi, não pude compreender, guardar e anotar. Muitos já entenderam isso e colaboram, entrando quietos na sala, quando precisam chegar atrasados.

E quem não colabora? São os que chegam tarde sistematicamente, de segunda a sábado, entram falando, batendo porta, arrastando cadeira. Isso é de deixar louco qualquer Professor que tenha preparado a aula,

esteja fazendo uma exposição, tentando transmitir um conteúdo, uma vivência, um raciocínio, um processo de aprendizagem.

Precisamos de três colaborações, para realizar essa ação transformadora: os Pais ou Responsáveis conversem com os Filhos e os ajudem a chegar na hora: dormir cedo, levantar-se a tempo, sair com tempo suficiente. Se nesse horário me atraso, tenho de pegar o ônibus mais cedo. Se vou andando e me arrastando, tenho de sair mais cedo, conversar menos pelo caminho, chegar e entrar logo. Na primeira reunião de Pais, pedi esta parceria a todos, no começo deste ano. E não é só para acordarem mais cedo...

Como recebo os Alunos cada dia ao pé da escada, sei que muitos chegam tarde e posso calcular como fica desagradável o ambiente da sala. Aqui entram as outras duas colaborações. Os Professores têm perfeitamente condições, pela chamada, de verificar os Alunos que chegam atrasados, conversar com eles, motivá-los, estimulá-los, cobrar mais responsabilidade e respeito aos colegas e ao Profissional que está dando a aula. Enfim, cada Aluno ganhará muito se colaborar. Não basta que o Professor valorize a presença do Aluno em sala, o receba a qualquer momento e o ajude mesmo se teve que chegar atrasado. O próprio Aluno perceba seu valor, valorize sua presença e queira ter uma presença de qualidade. Quem chega todos os dias atrasado não demonstra educação, respeito pelos outros e colaboração, não entendeu



minimamente seu dever, não tem idéia dos prejuízos que acumula em seus conhecimentos, do desgaste que provoca nos colegas e no Professor, do dinheiro que joga fora, se perde metade da aula.

Vivemos num mundo de facilidades que estimula o descompromisso, o ir empurrando com a barriga, e depois nos manipula, quando nos tornamos alienados, inconscientes. Não queremos ser vítimas da manipulação, do imediatismo, do consumismo, do deixar correr, da resistência passiva. Nem impor aos outros nossos atrasos, sujeitá-los à nossa displicência. Queremos reagir, marcando uma presença de qualidade no Colégio, ocupando nosso espaço, criando novos espaços e processos de liberdade. Aqui entram a criatividade e a ajuda do Professor, a liderança dos Colegas, o papel dos Representantes de Turma, a missão do Grêmio. ■

Pe. Lauro Palú, C. M.

Eleição é coisa séria

Tem muita gente que diz que brasileiro não sabe votar e o que é pior, não sabe cobrar de seus candidatos as promessas feitas durante a campanha. Se isso é verdade, nada como o exercício contínuo da cidadania para mudar essa situação. No São Vicente, parte desse "exercício de cidadania" é praticada durante as eleições para os três grêmios do Colégio: o Minigrêmio, do qual participam alunos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental; o GREGI, para alunos de 5ª à 7ª série; e o GRECO, para alunos da 8ª série e do Ensino Médio.

Pequenos, mas atuantes

O processo eleitoral do Minigrêmio começa com a eleição dos representantes de turma.

Os representantes indicam alguns alunos e, dentre os indicados, são escolhidos aqueles que formarão o Tribunal Eleitoral. Tudo como manda o figurino.

Também cabe aos representantes de turma a tarefa de incentivar a formação de chapas, que se inscrevem, apresentando simultaneamente suas plataformas eleitorais. Depois de inscritas, as chapas devem coletar assinaturas de Intenção de Voto. Este ano, nove das 14 chapas interessadas conseguiram chegar ao 1º turno das eleições, que ocorreu no dia 9 de maio. As chapas Furacão e Evolução foram para o 2º Turno, que aconteceu uma semana depois, saindo vitoriosa a chapa Evolução. No dia 23 de maio, numa bela cerimônia, tomou posse a nova diretoria.

MINIGRÊMIO



Eles sabem o que querem

A eleição da nova diretoria do GREGI ocorreu no dia 25 de abril. Como as chapas não tinham direito a horário gratuito na televisão, o debate, ocorrido na véspera, foi fundamental na hora do voto. A vitoriosa Chapa D'Aço tomou posse no dia 27 de maio, prometendo, dentre outras coisas, organizar atividades para um fim de semana por mês, fazer uma revista do GREGI com os alunos, reivindicar aulas de música e teatro para todas as séries e promover um festival de talentos.

Com muita energia

No dia 22 de março foi eleita a diretoria que estará à frente do GRECO no ano de 2002. Como em todos os anos, o debate entre as chapas concorrentes despertou grande interesse nos alunos e foi decisivo para o resultado do pleito. Ganhou a chapa Mobilização, que tomou posse no dia 27 de março, e ganharam todos que participaram do processo. Afinal, o exercício da cidadania não tem contra-indicação e seu único efeito colateral é o aperfeiçoamento das instituições democráticas.

*Para conhecer a íntegra dos programas das chapas vitoriosas acesse o site www.csvp.g12.br ■



GRECO E, ABAIXO, GREGI



MINIGRÊMIO 2002

Resultado final:

Chapa Evolução: 262 votos

Chapa Furacão: 123 votos

Nulos: 12 votos

Branços: 8 votos

Diretoria eleita:

Presidente - Carolina Ottoni de Menezes

Vice-Presidente - Giovana P. F. Pineschi

Secretária - Ruby Amanda Baker

Tesoureira - Débora P. de Martins

GREGI 2002

Resultado final:

Chapa Quente: 113 votos

Chapa Jovem: 34 votos

Chapa D'Aço: 191 votos

Chapa Revolução: 29 votos

Branços - 9 votos

Nulos - 30 votos

Diretoria eleita:

Presidente - João Gabriel P. M. Costa (t. 73)

Vice-Presidente - Vinicius Amaral (t.73)

1º Secretário - Pedro Monteiro (t. 72)

2º Secretário - Oster Roberto B. Cidade (t.72)

1º Tesoureiro - Frederico R. P. Bastos (t. 73)

2º Tesoureiro - Gustavo Duarte (t. 73)

GRECO 2002

Resultado final:

Chapa Interação - 190 votos

Chapa'ra Todos - 183 votos

Chapa Ação - 53 votos

Branços e Nulos - 31 votos

Diretoria eleita:

Presidente - Julia Franca (3º C)

Vice-Presidente - Clara Cunha (3º C)

Secretárias - Helena Junqueira (3º C) e

Alluana Borges (2º C)

Tesoureiras - Maria Guerreiro (3º C) e

Alice Tepedino (2º C)

notas

MÊS DE ANIVERSÁRIO

No dia 26 de março, foram comemorados os 43 anos do Colégio. Uma missa e um animado coquetel marcaram a data sempre muito festejada por todos.



DOMINGÃO VICENTINO

O evento já se tornou uma tradição que o Comitê Graúna faz questão de manter. No dia 9 de junho, cerca de 30 alunos do São Vicente receberam com muita festa as 80 crianças das creches: Tia Amália, Cristo Redentor, Centro Comunitário de Acará e CEMASI

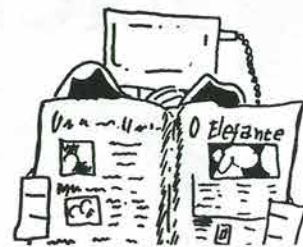


(Prefeitura do RJ). Atividades esportivas, brincadeiras, teatro, música e a encantadora exibição do grupo circense "Se essa rua fosse minha". Além de se divertir e brincar à vontade, as crianças ainda ganharam jogos e material escolar. O encontro repetiu o mesmo sucesso dos anteriores e o Comitê Graúna promete repetir a dose no 2º semestre.



ELEFANTE INVADE O SÃO VIÇA

Em 2002, um grupo de alunos do São Vicente se reuniu e montou um jornal, com o objetivo de criar um espaço de livre troca de informações e idéias e conscientização política. De



Finalmente, jornal do SVP. O Elefante se expressarem através mensagens, quadros, troca de idéias e opiniões. Nós, os integrantes organizadores e frentes verdade, são todos com acesso às suas idéias do lado da escada. Após entusiasmo...

repente, com uma campanha publicitária capaz de deixar Washington Olivetto morrendo de inveja, eles lançaram o "Elefante". "Esse nome foi escolhido porque uma das metas do jornal é incomodar os acomodados com a situação sócio-política brasileira e mundial", explica Marcelo Sant'anna, do 2º B. E será que o elefante incomodou mesmo muita gente?

Com textos de alunos, de gente de fora do Colégio e retirados de outros veículos de comunicação, já foram publicadas duas edições do jornal. Vale tudo: tem artigo, poesia, charge e até gozação com erros absurdos cometidos por candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A equipe também varia. Segundo os pioneiros, cabe todo mundo que quiser entrar. Na primeira edição, foram 14 participantes. Na segunda, esse número subiu para 16. A idéia da múltipla autoria foi tão bem bolada que uma urna foi colocada no pátio, para que os alunos interessados em publicar alguma coisa no jornal — dicas, opiniões, quadros, desenhos e o que mais a criatividade alcançar — depositem seu material, podendo, inclusive, permanecer no anonimato. Com tantos pais e colaboradores, o que será que é, no fundo, esse bichão que invadiu o Colégio? O próprio jornal responde: "O elefante é todo aluno e funcionário do São Vicente".

está disponível a primeira edição...
 Ante. Aqui temos um espaço para
 res de textos, poesias, desenhos
 ritos, etc... Enfim, temos uma área
 pões sobre todo e qualquer assu
 rantes da equipe do jornal, som
 rrepresentantes do mesmo. Os au
 vocôs. A forma encontrada pa
 a foi abrir uma urna, encontrada n
 nde o padre Lauro nos com
 dos os dias. Essa urna será mant

Páscoa 2002

A Páscoa é uma das maiores festas cristãs. Ao comemorar a ressurreição do Cristo, renovam-se as esperanças de um mundo mais justo, mais fraterno. No Colégio, a celebração da Páscoa tem sido sempre um momento de muita

união e reflexão. Em 2002, a criatividade também marcou a comemoração, realizada nos dias 10 e 11 de abril e organizada em três tempos, em três espaços distintos.

Na "Sala da Contemplação da Paixão", foram expostas seqüências de fotos acompanhadas de textos bíblicos. O simbolismo trouxe para os nossos dias as palavras do Cristo.

Na "Sala da Ressurreição", utilizando recortes de revistas sobre fatos positivos e negativos da realidade atual, os participantes ajudaram a construir um quadro sobre a ressurreição.

Para terminar, a "Sala da Confraternização", onde foi feito o lanche comunitário.

BATISMOS NO COLÉGIO

Cada ano, alguns Pais e Mães pedem o batismo para os Filhos, no Colégio. Às vezes o próprio Aluno pede diretamente. O lugar natural do batismo é a paróquia de cada Família, onde nos integramos numa Comunidade, sobretudo se o batismo ocorre quando já estamos crescidos e ajuizados, como é o caso dos Alunos do São Vicente. Quando os Pais, os Padrinhos, a Família e os Amigos enchem a capela do subsolo, fazem como os primeiros Cristãos, que deviam buscar, mesmo escondidos nas catacumbas romanas, a possibilidade de praticar sua fé. Nas perseguições religiosas, havia o perigo de as torturas obrigarem

alguém a renegar sua fé. Por isso, era fundamental a garantia da Comunidade que ajudava o Cristão, com a palavra e o exemplo, a perseverar no que havia jurado a Deus, assumindo a fé e seus compromissos.

É um sinal da vitalidade do Colégio. Aqui se trabalha o acadêmico e a integralidade da vida. Para o 2º semestre, já há uma dúzia de inscrições. Haverá uma preparação cuidadosa para os Alunos e as Famílias.

No Projeto Pastoral do Colégio, está sendo organizado o que possa assegurar, após as celebrações, a perseverança, a integração numa Comunidade de Fé (paróquia, grupo de jovens, grupo de oração, grupo apostólico) e o crescimento na compreensão e vivência do que se promete a Deus e aos Irmãos, ao assumir a fé e seus compromissos.

A mensagem dada aos que fizeram a Primeira Comunhão em junho foi justamente esta: Corresponder ao carinho de nosso Deus, procurando crescer na fé e na prática religiosa, vivendo conscientes os compromissos assumidos com Cristo e os Irmãos.

ALUNOS DA 5ª SÉRIE VISITAM O CARAÇA

No 1º grupo (Corpus Christi, junho), 38 Alunos e Rosana (Ciência), Roseli (Geografia), Zedu (Formação Religiosa), José (Música) e Pe. Lauro. No 2º grupo, 42 Alunos (começo das férias), foram a mais a Sandra (Regente da 2ª Série) e o Moraes (Audiovisual, para documentar tudo). Pe. Lauro tinha um compromisso no Recife. A turma reclamou, porque o Pe. Lauro é um guia que conhece cada pedaço do chão e dos céus do Caraça, com seus pássaros, flores, insetos, lobos, estrelas e saudades. Viajaram à noite, pela BR 040 a Belo Horizonte e pela BR 262 (direção de Vitória), até os trevos para Barão de Cocais e o Caraça.

ETC...

O Caraça é uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), cujos 11.233 hectares vão de 750 a 2072 metros de altitude (Pico do Sol), último contraforte da Serra do Espinhaço, transição da Mata Atlântica ao Cerrado.

Visitaram a Casa: igreja neogótica, catacumbas, museu, claustro, e fora: Cascatinha, Banho do Belchior, Tanquinho São Luís, Tanque Grande, Taboões, Banho do Imperador, Ponte do Bodé, Campo da Orbis, moraram na Casa das Sampaiais, tomaram café na cozinha velha (assando queijo e fritando ovos na chapa do fogão, quem sai de perto, com aquele frio?!), foram mil vezes à cantina e à lojinha, comprar água (passeios), filmes (as fotos mataram o Pe. Lauro de inveja!), comeram de montão, dormiram pesado, rezaram na igreja do Caraça (e na de Catas Altas!), ficaram quietos uma hora e meia ouvindo o guia falar de lobo, onças, antas, veados, tamanduás, jacus, quatis, serelepes, viram o lobo! (sonharam com ele e sua maravilha na noite!). E ainda a viagem de volta?! Um menino dizia: "Será que vou lembrar quem que é meu pai?"





ABAIXO A PIXAÇÃO!

Depois do dia 18 de maio, o muro externo do Colégio ficou muito mais charmoso graças à criatividade dos alunos das 5ª, 6ª e 7ª séries, ao apoio de alunos do 1º ano do Ensino Médio e às orientações da professora Cacau, de Artes.

O projeto tinha por objetivo a criação de um painel único baseado no tema da Campanha da Fraternidade 2002 – “Por uma terra sem males”. Várias equipes de cinco alunos cada



uma se inscreveram para participar do evento. O primeiro passo foi assistir a uma aula sobre as técnicas desse tipo de pintura. Na etapa seguinte, cada equipe apresentou seu próprio projeto. Dentre estes, um foi escolhido para servir de base para o trabalho, mas vários elementos dos demais projetos foram incorporados à pintura. No caso do muro, a união não fez a força, mas a beleza.

PRÊMIO DE LITERATURA

“O concreto se mistura com os sonhos que estão na planta. Vigas de ferro emparelham-se — a base está pronta. Moldam-se os limites. Na ausência de métrica, os andares se formam. Aos poucos a construção vai crescendo. Ganha vidas”. Assim começa o texto “Reflexo”, com o qual um grupo de alunos do Ensino Médio, orientados pelos professores Mauricio Krause e Patrick Pessoa, ganharam o Prêmio Nestlé de Literatura, entregue no dia 24 de fevereiro.

CASAMENTOS DO COLÉGIO

Primeiro, foi Hércio Alvim, coordenador comunitário; logo depois foi o Fernandão (ou Fernandinho?), que na verdade é o professor de História Fernando Luiz Castro. Será que São Vicente virou santo casamenteiro?!

O fato é que no dia 27 de abril deste ano, muitos amigos da Escola assistiram ao casamento de Hércio com Patrícia Loyola Amaral. Numa pequena carta encaminhada “aos amigos do São Vicente”, ele agradece o envolvimento de todos nesse momento tão especial: “Tudo o que posso dizer agora é muito obrigado, pelo presente, pela presença, pelas orações, pelos mais sinceros desejos de felicidades que vocês têm expressado”.

Na noite de 20 de julho, no

espaço do próprio Colégio, foi a vez de Fernandão. Aos 29 anos, ele casou com a médica Marcelle Maria Dinis, de 26. A cerimônia aconteceu na capela da casa central e foi celebrada por Pe. Lauro, e Pe. Maurício, respectivamente diretor geral e diretor administrativo do São Vicente. A Família Vicentina deseja muitas felicidades aos casais. Parabéns!



PE. LAURO ENTRE FERNANDO E MARCELLE

SÃO VICENTE AGORA TEM PATRULHA ESCOLAR

Alunos do São Vicente vinham sendo vítimas de assaltos na saída da Escola. Gangues “armadas” com cachorros ferozes encurralavam os alunos e roubavam objetos de valor, como relógio e cordão. Em parceria com o Colégio Sion, o São Vicente enviou um ofício para o 2º Batalhão da Polícia Militar e para a Guarda Municipal, solicitando que alguma providência fosse tomada. O pedido foi prontamente atendido e o Colégio passou a contar com uma patrulha escolar nos horários de saída do turno da tarde. A Guarda ainda disponibilizou uma inspetora para dar palestras sobre medidas de segurança para a garotada. O Colégio agradece.

O QUE MUDOU NO CURRÍCULO

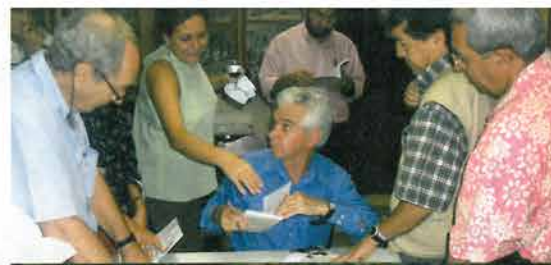
O currículo do São Vicente sofreu algumas alterações em 2002. Para que os pais fiquem atentos, aqui vão as mudanças. Os alunos das 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental tiveram as aulas de Educação Física divididas em dois módulos: motricidade e parte esportiva. Dando continuidade a um processo que já começou há tempos, agora a 6ª série tem a disciplina de Música — a matéria só era oferecida até a 4ª série; ano passado chegou à 5ª e a idéia é que, em 2003, atinja os alunos da 7ª. O pessoal da 8ª série ganhou a disciplina de Artes.

No Ensino Médio, além da criação do laboratório de redação, houve a divisão do curso de Artes em quatro modalidades, que funcionam como opções para os alunos. São elas: Artes Plásticas, Música, Teatro Grego e Mídia.

SÃO JOÃO, SÃO JOÃO, ACENDE A FOGUEIRA DO MEU CORAÇÃO!

Se festa é sempre bom, festa com solidariedade é melhor ainda. As Festas Juninas escolares são sempre uma ótima ocasião para encontros e reencontros entre Alunos (antigos e atuais), Pais, Professores e Funcionários. Mas no São Vicente, isso não é o bastante. As Festas Juninas acabaram se transformando também num excelente exercício de doação ao próximo e de solidariedade com

aqueles que precisam. Da receita gerada pelo evento são descontadas as despesas e o saldo é encaminhado ao Comitê Graúna, para a manutenção de Projetos Sociais. Além disso, nas gincanas, são recolhidos mantimentos, roupas e material de higiene. Na festa deste ano, realizada no dia 22 de junho, foram recolhidos, e posteriormente distribuídos entre as creches atendidas pelo Comitê e o Hospital Souza Aguiar, aproximadamente 1.600 kg de alimentos e produtos de higiene.



VIDA DE REPÓRTER

No dia 18 de junho, o Colégio abriu as portas para o lançamento do livro "Vida de Repórter", do jornalista José Maria Mairink. Aos 63 anos de vida e 40 de profissão, o ex-aluno do Caraça certamente tem muito que contar e ensinar. Ganhador do Prêmio Esso de Jornalismo, Mairink, que atualmente escreve no Estado de São Paulo e já trabalhou em quase todos os grandes jornais brasileiros, revela os bastidores do jornalismo, destacando as questões éticas com as quais os profissionais da imprensa são frequentemente confrontados. O livro é o primeiro de uma coleção formada por relatos de repórteres famosos sobre sua vivência profissional.

No dia seguinte, aproveitando sua estada no Rio, Mairink retornou ao Colégio, onde conversou animadamente com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, que não perderam a oportunidade de conhecer maiores detalhes sobre a profissão de jornalista.

São Vicente quer reunir a família

COLÉGIO SÃO VICENTE
TURMA DE 1981 - 20 ANOS

Você sabe o que é AAA? Se passou pela sua cabeça uma nova unidade dos Alcoólatras Anônimos, é porque você ainda deve ser do tempo das Associações de Ex-alunos. Não entendeu a piada? Então, lá vai: AAA é a Associação de Antigos Alunos, nome com o qual a antiga organização do São Vicente vai ser batizada. A idéia é que as pessoas que estudaram no São Vicente sintam-se cada vez mais pertencentes à Família Vicentina e não apenas um “ex” participante.

O fato é que a Associação de Ex-alunos do Colégio acabou em 2000 e, atualmente, vem ganhando força um trabalho interno para a sua retomada. Muitos ex-alunos têm entrado em contato por e-mail, buscando resgatar os laços com o Colégio. Esses serão os primeiros convidados para uma reunião em que será planejado um grande encontro, que marcará o nascimento da AAA. “O objetivo dessa associação é fazer com que o antigo aluno seja uma presença vicentina no mundo, multiplicando nossos princípios e mantendo nosso carisma”, explica Hélcio Alvim, coordenador comunitário, que está à frente desse trabalho.

Para atingir esse objetivo, já existem vários projetos, como um “banco de profissionais”, onde ex-alunos empregadores procurariam outros ex-alunos do São Vicente, interessados em se tornarem empregados. Outra contribuição são as dicas quentinhas que esses antigos alunos podem dar sobre o mercado de trabalho, ajudando o Colégio a se manter atualizado. Tudo isso sem contar com a simples presença aos eventos, que valoriza o trabalho do professor.

Campanha pela AAA

“Será que a Ana ainda tá um broto?” “E o Sérgio, será que ficou careca?” Vai ser com frases como essa, que são parte de uma verdadeira campanha

publicitária montada especialmente para a criação da AAA, que os antigos alunos serão tocados pela saudade do velho São Viça. O coordenador comunitário Artur Motta, que também é professor de Mídia, está trabalhando com uma turma a construção de uma campanha e a elaboração de todo o material de divulgação, como *folders* e, quem sabe, até *outdoors*. A idéia é trabalhar com uma linguagem de época, fazendo uso de expressões dos anos 60, 70 e 80 — broto, por exemplo — e despertar a curiosidade. Os personagens Sérgio e Ana remetem a uma recente campanha da *American Express*. Os antigos alunos, futuros membros da AAA, vão receber esse material por meio de uma mala direta que o Colégio vai organizar.

Churrascos dos antigos alunos

E se o clima é de resgatar laços, vale lembrar que, como de hábito, os alunos da turma que se formou em 1981 se encontraram, em dezembro do ano passado, para o tradicional churrasco de comemoração dos 20 anos de formatura. Para este ano, os formandos de 1982 já estão se movimentando. Quem quiser informações sobre o encontro, deve entrar em contato com a coordenação comunitária do São Vicente. Se você foi parte desse grupo, não perca a oportunidade de reencontrar os velhos amigos. Entre uma carinha e outra, vai dar até para saber se ela ainda é um broto, se ele engordou, se o outro ficou careca... ■



OS FORMANDOS DA TURMA DE 1981 HÁ 20 ANOS (ABAIXO) E NO CHURRASCO DE 2001 (ACIMA)



TURMA 3A

Ana Luiza de Araujo Lima Constantino - Ana Martins Ribeiro - Angela Vasconi Speroni - Bruno Delecape de Amorim - Camila C. dos Passos - Carlos Eduardo B. Paternostro - Diego Rosas Marcondes - Eduardo Senra Faria - Erika Steinbruck - Felipe S. Iachan - Fernando C. Berendonk - Francisco Eduardo Faulhaber - João Daniel M. de Souza - Joyce Godoy Vicente - Juliana Bucaresky da F. Pinho - Juliana L. Casanova - Laida Morena da S. Cruz - Luigi Ferrarese - Luiz Blanco Siffert - Luiz Daniel de Azevedo Borges - Marcela Abla - Mariana de S. Costa Ribeiro - Marina D. da Fonseca Michele M. Lenzi da Silva - Mitsue Senra Aibe - Nicolas M. Yazbek - Paloma Sá Carvalho - Pedro B. Azevedo da Silveira - Pedro M. Bomfim Bello - Pedro Ruiz de Góes e Vasconcellos - Rafael Bellucci V. da Silva - Rafael Thiago F. Bastos - Sofia G. Hauaji Saadi - Tadeu Sant'anna Cortez - Tatiana M. Freire - Tatiana Ortiz de Almeida - Tatiana R. Xerez - Vitor P. Alcoforado Rebello



TURMA 3B

Ananda Louzada Farias - André Linhares Rossi - Bruna Magalhães Jucá - Camila C. Piña Rodrigues - Eduardo Graça Gomes - Eduardo R. Rotstein - Felipe B. Huthmacher - Flavia F. Ribeiro - Flavia V. Rodrigues - Francisco C. Muanis - Gabriel A. Pimentel - Guilherme de A. Capper - Guilherme N. de Andrade Figueira - Heitor L. F. Praça - Isabel M. Joffily - João Manuel da Rocha Lima - João Vicente G. Mendez - Julia A. da Costa Pereira - Julia G. Leal - Júlia G. de Melo do Rego Monteiro - Juliana L. Abdalla - Juliana M. Abreu - Luara F. F. Lima - Luísa M. Tavares - Maria Claudia L. de Sousa Palhares - Maria Mendonça Tavares - Nathalia de M. Faria - Paula Jereissati Rodrigues - Paulo Henrique Guimarães - Plinio M. Senna - Priscila A. R. Gessi - Rafael L. de Albuquerque - Renata G. de Matos - Renata Graça Couto - Ricardo F. C. de Miranda - Talita S. Reis - Thais do Nascimento V. de Araujo - Tiago Luz Silva - Vinicius M. Rosenthal



TURMA 3C

Alice Morena Asséf Lima - Ana Moura Marques - Ana S. Guimarães - Anita Magalhães da Silveira - Augusto F. Manso - Carolina S. Vilela - Daniel Saramago Barroso - Davi del Penho Figueiredo - Eduardo S. P. Nunes - Elisa A. Faulhaber Barbosa - Felipe Cito Nettesheim - Fernanda V. Garat - Gabriel Malta Nogueira - Izabel Carolina de O. Alvares da Silva - João Alvarez Pereira - João Gabriel S. Marin - Julia Quaresma de Araujo - Juliana Belford K. de Freitas - Leandro V. de F. V. do Espírito Santo - Leonardo F. Valpassos - Letícia P. Alves de Souza - Lorenzo C. Granville - Lucas Cassab Lopes - Maíra Lobo da Cunha Lioi - Marina F. C. Rondinelli - Mônica Nascimento de Souza - Natalia F. F. Warth - Pedro M. de A. Bastos - Pedro S. P. de Amorim - Rafael de Castro T. Modrach - Renata Stiebler - Rita L. Romão - Rodrigo A. de Castro Botelho - Sérgio Soriano Tavares - Thiago Felício de Souza - Thiago Machado Maia - Tomás M. da Silva Prado - Vivian Fichman M. de Souza



cartas 17-01-01

EM RESPOSTA À CIRCULAR DE 24 DE ABRIL, SOBRE A VIOLÊNCIA (ver trechos na pág. 15)

Prezados Senhores,

Não questiono a responsabilidade que os pais têm de orientar, impor limites e, se for o caso, castigar seus filhos. Creio, porém, que a Escola deveria ter explicitado as medidas que pretende tomar com relação a este assunto.

Minha filha é criada de acordo com os conceitos abstratos da ética, da honestidade, da integridade, do direito e do respeito ao próximo. Todo objeto que surge lá em casa tem sua origem questionada.

Nas últimas três semanas, por duas vezes, foi subtraído dinheiro da carteira de Bruna que estava dentro de sua mochila. As quantias levadas, apesar de pequenas, eram significativas para ela, que recebe R\$5,00 por semana. Além de me mostrar indignada com o fato e solidária com ela, pensei ir ao colégio expor o assunto. Minha filha não quis que eu fizesse isso, talvez por saber quem foi e não querer expor o colega ou por não acreditar que o Colégio viesse a respaldá-la. Não estou questionando a postura ética da Instituição, mas se ela é óbvia para os alunos menores.

Não me preocupa o dinheiro e nem a punição do culpado. Acho que pelo valor inexpressivo do furto, é possível que seus pais não tenham como perceber a discrepância entre seus gastos e sua renda. O que eu sugiro é que seja tornado claro para todas as crianças que este tipo de atitude está errada. É necessário que tanto o repúdio ao fato quanto o apoio à vítima seja social, unânime e explícito. Para isso, faço algumas sugestões:

1 – Os fatos devem ser noticiados detalhadamente, ainda que se preserve o nome dos envolvidos. Isso manteria a comunidade informada, propiciaria que ela pudesse mostrar seu repúdio aos atos de violência praticados, permitiria que as vítimas não se sentissem tão isoladas, definiria o verdadeiro problema (quantas vezes crianças roubadas acabam sendo acusadas de descuido com objetos ou dinheiro, sendo

coagidas a ficarem caladas?) e incentivaria a participação dos pais. No ano passado, houve um episódio tão lamentável envolvendo alunos do São Vicente e do Sion que até a polícia foi forçada a intervir. A circular enviada aos pais foi tão genérica que quem desconhecia o fato não teve como avaliar a gravidade da situação.

2 – Deveria se instituir uma “Semana contra a violência”, com trabalhos em sala de aula, discussões nos lares e palestras, para dar relevância ao tema, bem como envolver pais e alunos na busca de uma solução.

3 – Proponho ainda que se comece a atuar em outras frentes, talvez nem tão graves mas que também merecem atenção como, por exemplo, o fato de crianças uniformizadas se reunirem para fumar na praça da rua Pires de Almeida ou pedirem cigarros na porta do Colégio e o procedimento dos alunos na hora da saída. O que se vê é uma total falta de polidez: elas pisam nas mochilas e merendeiras, esbarram nas pessoas e empurram as portas dos banheiros para desalojar colegas, sem que se ouça um só pedido de licença ou de desculpas. Minha filha, que é pequena para a idade, não consegue ser atendida na cantina porque não é vista em meio à aglomeração. Eu perguntei por que não se organiza uma fila e disseram que isso só seria possível com a ajuda de vários inspetores. O surpreendente é que o pipoqueiro atende a todos em fila, por ordem de chegada. Crianças aprendem por meio de exemplos e tornam-se éticos por reflexão posterior. “A polidez é quase uma virtude, mas também o homem é quase um animal”.

Denise de Alvim Brito

É com surpresa que leio uma circular relatando fatos tão lamentáveis. Surpresa por ver que famílias de bom nível econômico, social e cultural, ao permitir esse tipo de comportamento, dêem a seus filhos a oportunidade de, em resposta, agirem com atitudes de violência, muitas vezes irreversíveis. O lado bom de tudo isso é saber que o Colégio também repudia tais

atitudes, adotando uma medida educacional de sensibilização dos responsáveis, mas deixando claro que outras medidas poderão vir a ser tomadas. Nenhuma escola está imune a tais eventos, mas algumas os banalizam. Fico gratificada ao ver que a opção educacional que fiz há três anos para o Bernardo foi acertada.

Valéria Rolim Rangel

Recebi a circular sobre roubos e violência e fiquei feliz ao ver que a Escola está atenta a essas questões. Eu já havia corrigido minha filha na questão das ovidas, mas quando ouvimos de nossos filhos “Mas todo mundo faz”, acabamos nos perguntando: “Devo ser mais flexível nessa situação e só repreender em situações mais sérias?”. Nessas horas, saber que todo um grupo de pessoas que pensam a educação reagem dessa forma nos dá mais confiança, segurança e a certeza de que não importa a evolução da máquina, da ciência e da globalização, pois educação, respeito, dignidade e bons princípios sempre serão a tônica da convivência em sociedade. Mesmo que tenhamos que conviver num planeta do “Vale tudo Big Brother”, poder contar com uma Escola presente, atenta e próxima da Família já é um presente de Deus.

Maria Luisa Pena

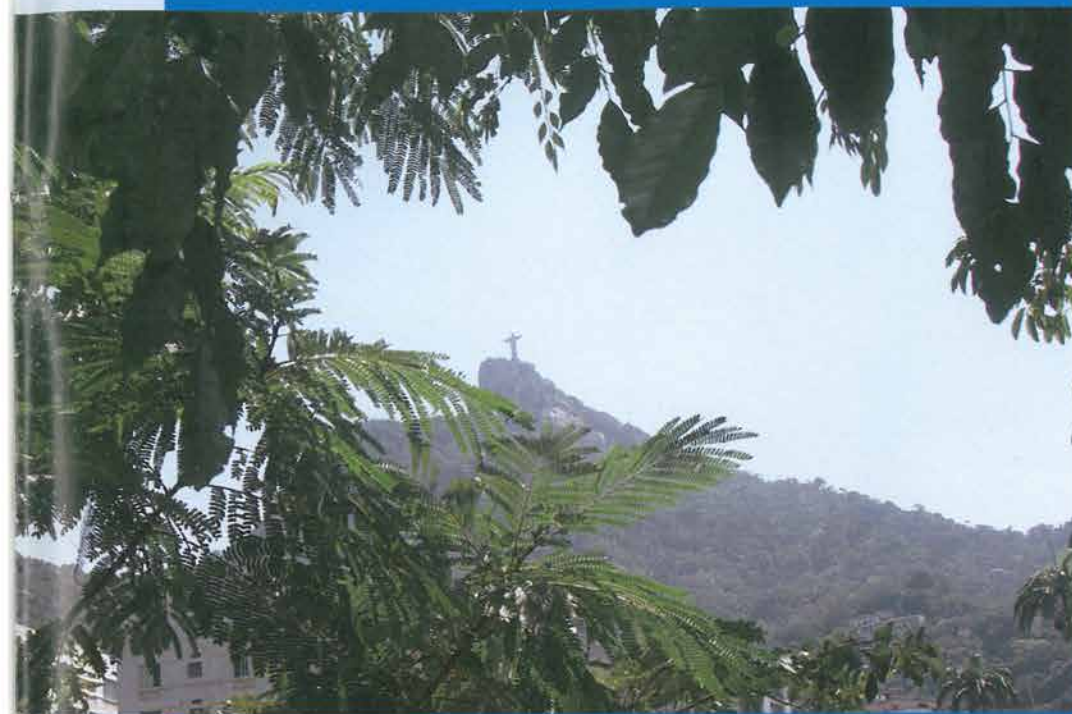
Recebemos a circular sobre violência e gostaríamos de dizer que ela nos dá a certeza de termos escolhido o lugar certo para a formação de nossos filhos. Obrigado pela atenção e pelo cuidado com eles. Estejam certos de que lembramos sempre que a educação deles é uma parceria da Família com a Escola. Túlio e Sheila Vasconcellos

SOBRE A CHAMA

Chegou a nossas mãos um exemplar da *chama* (nov/2001). Gostaríamos de dizer que os artigos publicados na revista nos foram de grande proveito. Pedimos informações sobre a assinatura da revista e aguardamos ansiosos pela resposta

Isabel Lourdes Nunes

Coordenação Geral – Colégio Santa Catarina
Juiz de Fora – MG



O surfista

O Cristo abre os braços
cavalcando a montanha
como o surfista na onda.

As ondas são colunas
que rolam e se desfazem
nos últimos confins do
império,
grutas de esmeralda
que desabam num jorro.

Outra onda se levanta,
mundo que cresce violento,
sobre o abismo verde e
poderoso.

As ondas são cavalos de espuma
que arrebetam as rédeas nos
dentes
e arremetem sobre os rochedos,
arrebetando os dorsos
brancos,
grinaldas para o sol.

Vertigem dos cavalos
em campos de espuma.
Sucessão de muros
altos erguidos derribando-se
em pavor branco.

Nos túneis de ametista
o vento se enrola,
abismo horizontal,
tufão ceifado,
redemoinho, sais e lâminas
redondas.

O surfista cavalga o abismo
como o Cristo.

Pe. Lauro Palú

Um lugar
muitos lugares
Ela e' tao
amorcosa
que parece
uma rosa.

Hei adeus
a ela e
fiquei triste
por tanto. Da
vez da
mas me
dia la estava ela

Uma borboleta muito bonita pousa
da mesma flor junto com ele tem
muito amor.

foto
desenho

Ela e' tao bonita
e radiante que
ate ela parece
uma flor.



radiante e amorosa trazendo uma rosa.

NINA LEAL - T34

EDUARDO SPERONI - T34



MARIANA LIMA - T34



ANA CAROLINA - T33

HANNAH - T34

